



REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

ANO XXXIV — Nº 113

QUINTA-FEIRA, 20 DE SETEMBRO DE 1979

BRASÍLIA — DF

CONGRESSO NACIONAL

SUMÁRIO

1 — ATA DA 197ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE SETEMBRO DE 1979

1.1 — ABERTURA

1.2 — EXPEDIENTE

1.2.1 — Discursos do Expediente

DEPUTADO FEU ROSA — Exaltação do trabalho realizado pela Escola Técnica Federal do Espírito Santo, na oportunidade do 70º aniversário de fundação dos ensinos técnicos no Brasil.

DEPUTADO ADHEMAR SANTILLO — Discurso proferido pelo Presidente da OAB de Brasília, focalizando a situação político-institucional no País.

DEPUTADO CANTÍDIO SAMPAIO — Considerações sobre o pronunciamento de seu antecessor na tribuna.

DEPUTADO ELQUISSON SOARES, como Líder — Reparos ao discurso pronunciado pelo Deputado Cantídio Sampaio.

DEPUTADO BONIFÁCIO DE ANDRADA, como Líder — Apreciação das intervenções feitas na presente sessão pelos Srs. Deputados Adhemar Santillo e Elquisson Soares.

1.2.2 — Comunicação da Presidência

Convocação de sessão conjunta, a realizar-se hoje, às 19 horas, com Ordem do Dia que designa.

1.3 — ORDEM DO DIA

— Projeto de Lei nº 16, de 1979-CN, que estende aos inativos as alterações de estrutura salarial efetuadas pelo art. 4º do Decreto-lei nº 1.660, de 24 de janeiro de 1979. **Aprovado**, após usarem da palavra no encaminhamento de sua votação os Srs. Olivir Gabardo e Isaac Newton. À sanção.

— Projeto de Lei nº 18, de 1979-CN, que autoriza a doação, pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — SUDAM, de área de terreno que menciona, situada no Município de Marabá, no Estado do Pará, e dá outras providências. **Aprovado**. À sanção.

1.4 — ENCERRAMENTO

2 — ATA DA 198ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE SETEMBRO DE 1979

2.1 — ABERTURA

2.2 — EXPEDIENTE

2.2.1 — Discursos do Expediente

DEPUTADO ANTÔNIO MORIMOTO — Lançamento do livro "Esperança Espanhola", do Prof. Vamireh Chacon.

DEPUTADO MODESTO DA SILVEIRA — Necrológio do Sr. Sérgio Augusto Coimbra de Mello.

2.2.2 — Comunicação da Presidência

Convocação de sessão conjunta, a realizar-se amanhã, às 11 horas, com Ordem do Dia que designa.

2.3 — ORDEM DO DIA

2.3.1 — Leitura de Mensagem Presidencial

— Nº 87, de 1979-CN (nº 317/79, na origem), submetendo à deliberação do Congresso Nacional o Projeto do Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), para os exercícios de 1980 a 1985.

2.3.2 — Normas a serem obedecidas na tramitação da matéria. Designação da Comissão Mista.

2.4 — ENCERRAMENTO.

ATA DA 197ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE SETEMBRO DE 1979

1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 9ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. DINARTE MARIZ

ÀS 11 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

José Guimard — Eunice Michiles — Raimundo Parente — Gabriel Hermes — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Henrique de La Rocque

— José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — Agenor Maria — Dinarte Mariz — Jessé Freire — Cunha Lima — Humberto Lucena — Milton Cabral — Marcos Freire — Nilo Coelho — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Passos

EXPEDIENTE

CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL

AIMAN GUERRA NOGUEIRA DA GAMA
Diretor-Geral do Senado Federal

ARNALDO GOMES
Diretor Executivo

HELVECIO DE LIMA CAMARGO
Diretor Industrial

PAULO AURÉLIO QUINTELLA
Diretor Administrativo

DIÁRIO DO CONGRESSO NACIONAL

Impresso sob a responsabilidade da Mesa do Senado Federal

ASSINATURAS

Via Superfície:
Semestre Cr\$ 200,00
Ano Cr\$ 400,00
Via Aérea:
Semestre Cr\$ 400,00
Ano Cr\$ 800,00

Exemplar Avulso: Cr\$ 1,00

Tiragem: 3.500 exemplares

Pôrto — Lomanto Júnior — Luiz Viana — Dirceu Cardoso — João Calmon — Moacyr Dalla — Amaral Peixoto — Hugo Ramos — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Murilo Badaró — Tancredo Neves — Franco Montoro — Orestes Quêrcia — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Lázaro Barboza — Gastão Müller — Pedro Pedrossian — Affonso Camargo — José Richa — Evelásio Vieira — Jaison Barreto — Lenoir Vargas — Pedro Simon.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Aluizio Bezerra — MDB; Amílcar de Queiroz — ARENA; Geraldo Fleming — MDB; Nabor Júnior — MDB; Nossier Almeida — ARENA; Willy Vianna — ARENA.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB; Josué de Souza — ARENA; Mário Frota — MDB; Rafael Faraco — ARENA; Vivaldo Frota — ARENA.

Pará

Antônio Amaral — ARENA; Brabo de Carvalho — ARENA; Jader Barbalho — MDB; João Menezes — MDB; Jorge Arbage — ARENA; Lúcia Viveiros — MDB; Manoel Ribeiro — ARENA; Nêlio Lobato — MDB; Osvaldo Melo — ARENA; Sebastião Andrade — ARENA.

Maranhão

Edson Vidigal — ARENA; Freitas Diniz — MDB; João Alberto — ARENA; José Ribamar Machado — ARENA; Luiz Rocha — ARENA; Magno Bacelar — ARENA; Marão Filho — ARENA; Nagib Haickel — ARENA; Victor Trovão — ARENA; Vieira da Silva — ARENA.

Piauí

Carlos Augusto — ARENA; Correia Lima — ARENA; Hugo Napoleão — ARENA; Joel Ribeiro — ARENA; Ludgero Raulino — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA.

Ceará

Adauto Bezerra — ARENA; Antônio Moraes — MDB; Cesário Barreto — ARENA; Claudino Sales — ARENA; Cláudio Philomeno — ARENA; Evandro Ayres de Moura — ARENA; Figueiredo Correia — MDB; Flávio Marcílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Gomes da Silva — ARENA; Haroldo Sanford — ARENA; Iranildo Pereira — MDB; Leorne Belém — ARENA; Manoel Gonçalves — MDB; Mauro Sampaio — ARENA; Osian Araripe — ARENA; Paulo Lustosa — ARENA; Paulo Studart — ARENA.

Rio Grande do Norte

Carlos Alberto — MDB; Djalma Marinho — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; João Faustino — ARENA; Vingt Rosado — ARENA; Wanderley Mariz — ARENA.

Paraíba

Ademar Pereira — ARENA; Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Gomes — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Arnaldo Lafayette — MDB; Carneiro Arnaud — MDB; Ernani Satyro — ARENA; Joacil Pereira — ARENA; Marcondes Gadelha — MDB; Octacílio Queiroz — MDB; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Airon Rios — ARENA; Augusto Lucena — ARENA; Carlos Wilson — ARENA; Cristina Tavares — MDB; Fernando Coelho — MDB; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Inocêncio Oliveira — ARENA; João Carlos de Carli — ARENA; Joaquim Coutinho — ARENA; Joaquim Guerra — ARENA; José Carlos Vasconcelos — MDB; José Mendonça Bezerra — ARENA; Josias Leite — ARENA; Marcus Cunha — MDB; Nilson Gibson — ARENA; Oswaldo Coelho — ARENA; Pedro Corrêa — ARENA; Ricardo Fiuza — ARENA; Roberto Freire — MDB; Sérgio Murilo — MDB; Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Albérico Cordeiro — ARENA; Antônio Ferreira — ARENA; Divaldo Suruagy — ARENA; José Costa — MDB; Mendonça Neto — MDB; Murilo Mendes — ARENA.

Sergipe

Adroaldo Campos — ARENA; Celso Carvalho — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Jackson Barreto — MDB; Tertuliano Azevedo — MDB.

Bahia

Afrísio Vieira Lima — ARENA; Ângelo Magalhães — ARENA; Carlos Sant'Anna — ARENA; Djalma Bessa — ARENA; Elquisson Soares — MDB; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Benjamin — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Henrique Brito — ARENA; Hilderico Oliveira — MDB; Honorato Vianna — ARENA; Horácio Matos — ARENA; João Alves — ARENA; Jorge Vianna — MDB; José Amorim — ARENA; José Penado — ARENA; Leur Lomanto — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Marcelo Cordeiro — MDB; Menandro Minahim — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Odulfo Domingues — ARENA; Raimundo Urbano — MDB; Rogério Rego — ARENA; Rômulo Galvão — ARENA; Roque Aras — MDB; Ruy Bacelar — ARENA; Stoessel Dourado — ARENA; Ubaldo Dantas — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Belmiro Teixeira — ARENA; Feu Rosa — ARENA; Gerson Camata — ARENA; Luiz Baptista — MDB; Mário Moreira — MDB; Max Mauro — MDB; Theodorico Ferraço — ARENA; Walter de Prá — ARENA.

Rio de Janeiro

Alair Ferreira — ARENA; Alcir Pimenta — MDB; Álvaro Valle — ARENA; Amâncio de Azevedo — MDB; Benjamim Farah — MDB; Celso Peçanha — MDB; Daniel Silva — MDB; Darcílio Ayres — ARENA; Daso

Coimbra — ARENA; Délio dos Santos — MDB; Edison Khair — MDB; Felipe Penna — MDB; Florim Coutinho — MDB; Hydekell Freitas — ARENA; Joel Lima — MDB; Joel Vivas — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Jorge Cury — MDB; Jorge Gama — MDB; José Frejat — MDB; José Maria de Carvalho — MDB; José Maurício — MDB; José Torres — MDB; Lázaro Carvalho — MDB; Léo Simões — MDB; Lygia Lessa Bastos — ARENA; Mac Dowel Leite de Castro — MDB; Marcello Cerqueira — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Márcio Macedo — MDB; Miro Teixeira — MDB; Modesto da Silveira — MDB; Osmar Leitão — ARENA; Paulo Rattes — MDB; Paulo Torres — ARENA; Pedro Faria — MDB; Peixoto Filho — MDB; Péricles Gonçalves — MDB; Rubem Dourado — MDB; Rubem Medina — MDB; Saramago Pinheiro — ARENA; Simão Sessim — ARENA; Walter Silva — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Antônio Dias — ARENA; Batista Miranda — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias Fortes — ARENA; Bonifácio de Andrada — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Castejon Branco — ARENA; Christóvam Chiradia — ARENA; Dário Tavares — ARENA; Edgard Amorim — MDB; Edilson Lamartine — ARENA; Fued Dib — MDB; Genival Tourinho — MDB; Hélio Garcia — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Rodrigues da Cunha — ARENA; Humberto Souto — ARENA; Ibrahim Abi-Ackel — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Herculino — MDB; Jorge Ferraz — MDB; Jorge Vargas — ARENA; José Carlos Fagundes — ARENA; Juarez Batista — MDB; Júnia Marise — MDB; Leopoldo Bessone — MDB; Luiz Bacarini — MDB; Luiz Leal — MDB; Magalhães Pinto — ARENA; Melo Freire — ARENA; Moacir Lopes — ARENA; Navarro Vieira Filho — ARENA; Newton Cardoso — MDB; Nogueira de Rezende — ARENA; Pimenta da Veiga — MDB; Raul Bernardo — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Roman Tito — MDB; Rosemberg Romano — MDB; Sérgio Ferrara — MDB; Silvio Abreu Jr. — MDB; Tarcísio Delgado — MDB; Telêmaco Pompei — ARENA; Vicente Guabiroba — ARENA.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; Adhemar de Barros Filho — ARENA; Aírton Sandoval — MDB; Aírton Soares — MDB; Alcides Francistado — ARENA; Alberto Goldman — MDB; Antônio Morimoto — ARENA; Antônio Russo — MDB; Antônio Zacharias — MDB; Athiê Coury — MDB; Audálio Dantas — MDB; Aurélio Peres — MDB; Baldacci Filho — ARENA; Benedito Marçilio — MDB; Caio Pompeu — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Cardoso Alves — MDB; Cardoso de Almeida — ARENA; Carlos Nelson — MDB; Del Bosco Amaral — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Erasmo Dias — ARENA; Flávio Chaves — MDB; Francisco Leão — MDB; Francisco Rossi — ARENA; Freitas Nobre — MDB; Gióia Júnior — ARENA; Henrique Turner — ARENA; Herbert Levy — ARENA; Horácio Ortiz — MDB; Israel Dias-Novais — MDB; Jayro Maltoni — MDB; João Arruda — MDB; João Cunha — MDB; Jorge Paulo — MDB; José Camargo — MDB; José de Castro Coimbra — MDB; Maluly Netto — ARENA; Mário Hato — MDB; Natal Gale — MDB; Octacílio Almeida — MDB; Octávio Torrecilla — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Pedro Carolo — ARENA; Ralph Biasi — MDB; Roberto Carvalho — MDB; Ruy Codo — MDB; Ruy Silva — ARENA; Salvador Julianelli — ARENA; Samir Achoa — MDB; Santilli Sobrinho — MDB; Tidei de Lima — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Valter Garcia — MDB.

Goiás

Adhemar Santillo — MDB; Anísio de Souza — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Francisco Castro — ARENA; Genésio de Barros — ARENA; Hélio Levy — ARENA; Iram Saraiva — MDB; Iturival Nascimento — MDB; Jamel Cecílio — ARENA; José de Assis — ARENA; José Freire — MDB; Paulo Borges — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Afro Stefanini — ARENA; Bento Lobo — ARENA; Carlos Bezerra — MDB; Cristino Cortes — ARENA; Gilson de Barros — MDB; Júlio Campos — ARENA; Louremberg Nunes Rocha — ARENA; Milton Figueiredo — ARENA.

Mato Grosso do Sul

Antônio Carlos de Oliveira — MDB; João Câmara — ARENA; Levy Dias — ARENA; Ruben Figueiró — ARENA; Ubaldo Barém — ARENA; Valter Pereira — MDB.

Paraná

Adolpho Franco — ARENA; Adriano Valente — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Amadeu Geara — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antônio Mazurek — ARENA; Antônio Ueno — ARENA; Ari Kffuri — ARENA; Arnaldo Busato — ARENA; Borges da Silveira — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Ernesto Dall'Oglio — MDB; Euclides Scalco — MDB; Heitor Alencar Furtado — MDB; Hélio Duque — MDB; Hermes Macedo — ARENA; Igo Losso — ARENA; Italo Conti — ARENA; Lúcio Cioni — ARENA; Mário Stamm — ARENA; Maurício Fruet — MDB; Nivaldo Kruger — MDB; Norton Macedo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Macedo — MDB; Paulo Marques — MDB; Paulo Pimentel — ARENA; Pedro Sampaio — ARENA; Roberto Galvani — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Vilela de Magalhães — ARENA; Walber Guimarães — MDB; Waldmir Belinati — MDB.

Santa Catarina

Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Arnaldo Schmitt — ARENA; Artenir Werner — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Evaldo Amaral — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; João Linhares — ARENA; Juarez Furtado — MDB; Luís Cechinel — MDB; Mendes de Melo — MDB; Nelson Motro — ARENA; Pedro Ivo — MDB; Victor Fontana — ARENA; Walmor de Luca — MDB.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alcebiades de-Oliveira — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Cardoso Fregapani — MDB; Carlos Chiarelli — ARENA; Carlos Santos — MDB; Cid Furtado — ARENA; Cláudio Strassburger — ARENA; Darcy Pozza — ARENA; Eloar Guazzelli — MDB; Eloy Lenzi — MDB; Emídio Perondi — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Hugo Mardini — ARENA; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Ueque — MDB; Júlio Costamilan — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Nelson Marchezan — ARENA; Odacir Klein — MDB; Pedro Germano — ARENA; Telmo Kirst — ARENA; Túlio Barcelos — ARENA; Waldir Walter — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB; Paulo Guerra — ARENA.

Roraima

Isaac Newton — ARENA; Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Hélio Campos — ARENA; Júlio Martins — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — As listas de presenças acusam o comparecimento de 49 Srs. Senadores e 399 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Passando-se ao período destinado a breves comunicações, concedo a palavra ao nobre Deputado Feu Rosa.

O SR. FEU ROSA (ARENA — ES. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a história do ensino industrial no Brasil começa com a nossa colonização, quando tudo ainda estava por ser feito, tudo por aprender.

“Já desde aquela época se clamava pela falta de pessoal habilitado para o trabalho”, porém muitos anos foram necessários para que as autoridades reconhecessem a necessidade de providências nesse sentido. Foi o que aconteceu a 23 de setembro de 1909, pelo Decreto nº 7.566, pelo qual o Presidente Nilo Peçanha criava as Escolas de Aprendizes Artífices, mandando inaugurar em cada Capital brasileira uma escola onde seria ministrada a arte dos ofícios. Apesar do grande passo dado, oficialização e reconhecimento do ensino industrial, as dificuldades da época entravaram seu desenvolvimento. A falta de diretrizes e definições do que ser ensinado, como quem seriam os professores, era uma constância. A luta foi grande, mas chegou-se à definição de tal ensino. Com o passar do tempo e dedicação de grandes brasileiros, como Rui Barbosa, Getúlio Vargas, Gustavo Capanema, Francisco Montojos, Celso Suckow da Fonseca, Fidélis Reis, João Luderitz, Clóvis Salgado, Juscelino Kubitschek, Armando Hildebrand, Paulo Dutra de Castro, Edmar de Oliveira Gonçalves, José Torquato C. Jardim e muitos outros, alcançamos quase o ideal: pela Lei nº 5.692/71, o ensino técnico não só é uma necessidade, como também uma obrigação; ele é o 2º Grau Profissionalizante.

A profecia de Nilo Peçanha, feita em 1909 e tomada para legenda em nossa bandeira eteviana — “O Brasil de ontem saiu das academias; o de amanhã sairá das oficinas” — tornou-se uma realidade. Realidade como a nossa Escola Técnica Federal do Espírito Santo, que nasceu na Rua Presidente Pedreira, nº 19, como Escola de Aprendizes Artífices, numa residência alugada, sem condições de funcionamento, onde tudo teve que ser improvisado e adaptado e os alunos, catados entre os deserdados da sorte no interior do Estado. Mas o amor, a confiança e perseverança dos diretores, funcionários, professores e alunos, a luta travada por todos, com o mesmo objetivo, impulsionaram-na com vigor através dos anos, levando-a uma escalada de sucesso. Hoje, em 1979, quando comemoramos 70 anos de existência, não podemos deixar de rememorar a história, através de suas transformações, da atuação de seus diretores, de suas lutas vencidas.

A 24 de fevereiro de 1910, a Escola de Aprendizes Artífices foi instalada, tendo como primeiro diretor o Bacharel José Francisco Monjardim, homem muito inteligente e dinâmico, que conseguiu, com integridade, dar as bases do que somos hoje. Sucedeu-lhe, em 1932, o Dr. Dario Tavares Gonçalves, que, dando forma administrativa jurisprudenciada a tudo que encontrou, arrumou a casa. Em 1936, assumiu a direção da Escola o Dr. Augusto Carneiro de Farias, ficando até 1939, quando chegou o Dr. Mello Barreto. Neste período, por força da Lei nº 387/75, a Escola passou a ser conhecida como *Liceu Industrial de Vitória*, nome este substituído, em 1942, pelo Decreto-Lei nº 4.127, para *Escola Técnica de Vitória*. Coube, então, ao Dr. Antonio Carlos de Mello Barreto inaugurar o novo prédio com instalações adequadas, situado à Av. Vitória, em Jucutuquara, onde estamos até hoje. Ao Dr. Mello Barreto, em 1943, sucedeu o Dr. Arthur Seixas, verdadeiro educador, que dedicou 11 anos de sua vida ao aprimoramento e aperfeiçoamento da nossa Escola. A ele devemos o início do grande trabalho de valorização do ensino técnico industrial na comunidade capixaba. Não podemos deixar de aqui registrar sua constante preocupação com o educando, com a qualificação do ensino e dos serviços administrativos e ainda com o bem-estar dos professores funcionários. Promoveu cursos de aperfeiçoamento para professores, fomentou atividades extracurriculares, congregadas pelo então Grêmio Rui Barbosa e divulgadas pelo jornal escolar E T V Por meio das atividades do Grêmio, atraiu à escola grande parte da população do bairro, realizando um trabalho pioneiro de vida comunitária, com que muito se beneficiaram os alunos. Foi nesta época que começou a inversão de situações: a Escola passou a ser procurada pelos alunos. Deu continuidade aos trabalhos realizados pelo Dr. Seixas, a partir de 1954, o Dr. Fernando Alves Duarte, que foi sucedido em 1961 pelo Dr. Mauro Fontoura Borges. A partir deste momento, nossa Escola viveu suas mais profundas mudanças. Pela Lei nº 3.552, de 16-02-59, fomos transformados em autarquia, passamos a ter autonomia didática, administrativa e financeira, regidos pelo Conselho de Representantes e por um Conselho de Professores. O ensino foi elevado a “Técnico”, pelo Decreto nº 50.492, de 25-04-61 e, em seguida, pela Lei nº 4.024, de 20-12-61, eram estabelecidas as diretrizes e bases de tal ensino. Tudo passou a ser visto com outros olhos; as modificações de ordem interna, para consolidar a nova política educacional, deram novo sentido ao todo da Escola, os cursos técnicos foram criados, surgiu o JEBEL. Pela Lei nº 4.759, de 20-08-65 — Port. MEC nº 239, de 03-09-65, era oficializado o novo nome: agora, passava a ser “Escola Técnica Federal do Espírito Santo”. Tornava-se premente a melhoria das oficinas existentes e a instalação de novas, para atender os novos cursos. Assim, a Escola começou a ficar pequena, não mais bastavam reformas e adaptações; a solução era iniciar a luta para conseguirem meios para novas construções. Foi quando ficou à frente da Escola o Dr. Zenaldo Rosa da Silva — uma adolescência, uma juventude, uma vida dentro da ETFES! Foi aluno, servidor, vice-diretor e é o atual diretor. No estágio presente, casa e gabinete não têm divisas, estão dentro dos mesmos limites.

A grande solidificação da política educacional do Dr. Arthur Seixas e do Dr. Mauro veio a ser concretizada na atual gestão do Dr. Zenaldo. O progresso, sob todos os sentidos, tornou-se a realidade eteviana. Como num sonho, a Escola, que contava apenas com 3 oficinas e 2 pavilhões, transformou-se num complexo de 10 pavilhões, abrangendo 23 salas de aula, 13 laboratórios, 5 oficinas, 1 biblioteca, 4 salas especiais de desenho, 1 auditório, 1 miniauditório e 1 praça de esportes, com 4 quadras polivalentes, 1 campo de futebol, 1 piscina semi-olímpica, tudo devidamente instalado, funcionando harmoniosamente, compondo uma infra-estrutura quase ideal para o desenvolvimento dos cursos técnicos de Agrimensura, Edificações, Estradas, Eletrotécnica, Mecânica e Metalurgia.

A meta prioritária, na parte física da atual direção, está voltada para a edificação da estrutura do Curso de Metalurgia, projeto consolidado, já aprovado pelo MEC e com a execução de sua primeira fase, que é a Subestação Abaixadora, já inaugurada. Será iniciada, ainda este ano, a construção do pa-

vilhão onde funcionarão os laboratórios de Análise Química, Areia e Fundição, Fundição e Aciaria, Moldação e Modelação e Conformação Mecânica (Laminação), cujos equipamentos já estão quase todos adquiridos, e a drenagem e pavimentação da área livre.

Na área educacional, a Escola está consolidando a reformulação de seus currículos em cumprimento às exigências da Lei nº 5.692/71 e procurando aperfeiçoar o sistema de assistência ao aluno, de maneira efetiva, valorizando-o como futuro técnico. Nesta tarefa é de real valor, por sua atuação, o SIE-E.

Na área de pessoal, o grande marco será a aprovação das proposições que estão sendo feitas para regularização e reconhecimento dos direitos do professor. A Associação dos Funcionários da Escola Técnica Federal do Espírito Santo (ASSETFS), cujo desenvolvimento tem sido muito significativo, é outra importante conquista da atual direção.

Enfim, a Escola, através de sua direção, está procurando cumprir, com amor e fidelidade, todas as atribuições de seu Regimento Interno — Port. nº 515, de 16-10-75 — DOU nº 211 de 04-11-75, imposta por força do Decreto 75.079, de 12-12-74, que deu nova administração às Escolas Técnicas Federais, e demais legislações complementares, em consonância com a política emanada dos órgãos superiores da Administração Federal.

A Escola Técnica Federal do Espírito Santo se originou da Escola de Aprendizes Artífices, que fazia parte de uma rede de escolas criadas pelo Presidente da República, Nilo Peçanha, através do Decreto nº 7.566, de 23 de setembro de 1909, e se destinava ao ensino da arte de ofícios, gratuito, para formar artífices, ou seja, dar ao Brasil industrial, que acabava de nascer, mão-de-obra qualificada.

A instalação da Escola de Aprendizes Artífices de Vitória, a 24 de fevereiro de 1910, se realizou em uma residência particular, na Rua Presidente Pedreira, nº 19, alugada pelo Governo para aquela finalidade, tendo permanecido nesse local até 1917, quando se transferiu para o nº 14 da mesma rua. Mais tarde, em 1937, por ordem do Governo Federal, foi lançada, na Avenida Vitória, a pedra fundamental de um amplo e moderno edifício onde passaria a funcionar a Escola, já sob a denominação de Escola Técnica de Vitória, em 1942, onde se acha até o momento. Agora, totalmente modificada em sua parte administrativa e educacional e com novo nome de Escola Técnica Federal do Espírito Santo.

Com a reforma do Ensino Industrial em 1959, conforme a Lei nº 3.552, de 16 de fevereiro, a Escola adquiriu autonomia didática, administrativa e financeira, foi elevada à autarquia, podendo, assim, adaptar suas normas educacionais conforme as necessidades locais ou mesmo da região. Antes da reforma do Ensino Industrial, a administração da Escola era feita por um diretor nomeado pelo Presidente da República, por indicação da Diretoria do Ensino Industrial do Ministério da Educação e Cultura. Agora era por um Conselho de Representantes e por um Conselho de Professores. A partir de 12-12-74 pelo Decreto nº 75.079, que deu nova organização às Escolas Técnicas Federais, passamos a ter como base administrativa o Regimento Interno da ETFES, aprovado pela Portaria MEC nº 515, de 16-10-75. O Diretor passou a ocupar um cargo de confiança da Presidência da República, tendo como apoio um Órgão Consultivo, o Conselho Técnico Consultivo e quatro Departamentos como Órgãos de Direção Superior.

O primeiro Diretor da Escola foi José Francisco Monjardim, que esteve ocupando o cargo desde a sua fundação em 1910 até 1932, sendo nomeado para substituí-lo Dario Tavares Gonçalves, que permaneceu dirigindo a Escola até janeiro de 1936. Seu sucessor até 1939 foi Augusto Barbosa Carneiro de Farias, que foi substituído por Antonio Carlos de Mello Barreto, que ficou até 1943, quando então foi nomeado Arthur Seixas. Em 1954, assumiu a Escola Fernando Alves Duarte, que foi substituído, em 1961, por Mauro Fontoura Borges, que permaneceu até 28-10-70, quando, então, assumiu o atual diretor Zenaldo Rosa da Silva.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, nesta oportunidade, em que se comemoram os 70 anos de fundação dos ensinos técnicos no Brasil, ressaltamos o trabalho que vem sendo desenvolvido pela Escola Técnica Federal do Espírito Santo e seu grande esforço em prol do desenvolvimento cultural de nossa Pátria. Não podemos deixar, pois, de nos associar às homenagens que lhe estão sendo prestadas.

Sr. Presidente, a grande revolução de que carece o nosso País e que vem sendo processada ultimamente é a revolução na educação. Nós nos lembramos muito bem do nosso tempo de estudante, quando levávamos o currículo todo decorando os nomes das amantes de Luís XIV e estudávamos a Batalha do Peloponeso. Quando os estudantes saíam do curso secundário, não sabiam datilografia, taquigrafia, não tinham conhecimento técnico-profissional de espécie alguma. Quantos jovens perderam suas vocações, porque ficaram

reprovados em Latim, porque não sabiam as cinco declinações ou as catilinas de Cícero? Então, o ensino técnico-industrial está modernizando, está criando uma nova mentalidade em nossa Pátria. Quando vemos milhares de jovens da Escola Técnica Federal do Espírito Santo adestrados, preparados para a vida prática, para serem úteis à sociedade e ao progresso do nosso País, não podemos deixar de registrar as nossas homenagens, o nosso respeito e a nossa alegria pela passagem de tão auspiciosa efeméride. (Muito bem.)

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra o nobre Deputado Adhemar Santillo.

O SR. ADHEMAR SANTILLO (MDB — GO. Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, o Senador Petrônio Portella, Ministro da Justiça, esteve ontem na sede da OAB de Brasília, onde paraninhou a turma de 100 advogados, prestou juramento e recebeu a sua carteira da OAB. Segundo informação, é a primeira vez, nesses últimos 15 anos, que um Ministro da Justiça comparece à sede da OAB.

Mas o importante de tudo isso, Sr. Presidente, foi a oportunidade que o Presidente da Ordem, o Advogado Maurício Correa, teve para fazer um balanço da nossa situação político-institucional nesses últimos 15 anos. Em seu discurso, o Sr. Maurício Correa falou sobre a tempestade que desabou sobre o País após a derrubada do Governo Constitucional do Presidente João Goulart. Reconheceu, por outro lado, a desenvoltura do Senador Petrônio Portella. Afirmou que alguns passos já foram dados no sentido da normalização democrática, mas, por outro lado, falou das violações e transgressões dos direitos fundamentais das pessoas humanas, de que foram vítimas milhares de brasileiros nesses últimos anos. Criticou a anistia concedida pelo Governo, que não é a que todos nós defendemos, e lembrou o tempo em que as rédeas dos órgãos da Pasta não pertenciam ao seu titular. O Presidente da OAB criticou também a famigerada Lei de Segurança Nacional e manifestou a certeza de que casos como o do seqüestro do missionário Nicola Arpone, em Goiás, receberam "a devida reprimenda" do ministro, além da esperança de que a Procuradoria Geral da República não levará adiante qualquer medida contra a posse dos vereadores cassados de Porto Alegre.

Portanto, Sr. Presidente, foi uma ótima oportunidade, e é preciso que haja franqueza nesses encontros. A notícia dá conta de que o Ministro Petrônio Portella ficou irritado com as colocações do Presidente da OAB. Mas, na verdade, o que fez o representante dos advogados do Distrito Federal foi apenas levar ao conhecimento do Ministro aquilo que a Nação reclama há muito tempo: a violação aos direitos humanos, o arbítrio que impera em todos os campos, uma Lei de Segurança Nacional que realmente não pode conviver com qualquer regime democrático, a necessidade de participação do povo nas decisões nacionais, a necessidade da valorização do Poder Legislativo e do Poder Judiciário.

Sabemos, Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a situação em que foi colocado principalmente o Poder Legislativo nesses últimos 15 anos, onde só prevalece a vontade do titular do Poder Executivo. Somos apenas um órgão homólogo das decisões do Poder Executivo. As coisas saem de lá prontinhas. Não temos sequer o direito de iniciativa de lei sobre determinadas matérias. Estamos submetidos aos caprichos, à ditadura de um Poder apenas, o Poder Executivo, que tem mandado e desmandado nesses últimos 15 anos. Por isso, para o Sr. Maurício Correa, que aproveitou a oportunidade em que 100 advogados prestavam juramento, na presença do Sr. Ministro da Justiça, nada melhor do que aquela ocasião para fazer a sua declaração de fé democrática e se colocar frontalmente contra o arbítrio instalado no País pois, apesar de alguns passos no sentido da redemocratização, permanece o arcabouço de um regime autoritário, todo ele fundado em leis ditatoriais, que ainda não foram revogadas, as quais impedem a livre manifestação dos operários, dos trabalhadores, que são submetidos a uma lei de greve realmente contrário aos seus interesses, lei essa que beneficia apenas o detentor do capital, os grandes grupos, quase todos ligados às multinacionais. No que respeita ao estudantado, se, por um lado, houve a revogação dos Decretos-Leis nºs 477 e 228, por outro, o próprio decreto que os revogou estabelece o impedimento para criação de instituições desvinculadas das Universidades no âmbito estadual, regional e nacional e, além do mais, o Decreto-Lei nº 477 está incorporado aos regimentos internos de todas as Universidades brasileiras. E ainda há a Lei de Segurança Nacional, que, ultimamente, tem sido usada contra estudantes e trabalhadores de um modo geral.

No que diz respeito ao Parlamento, temos uma Carta Constitucional inclusive outorgada por uma Junta Militar e, depois, deturpada pelo "pacote de abril". Carta Constitucional ditatorial, fascista, do ponto de vista que importa o livre exercício da atividade parlamentar, da atividade política e que dá

um superpoder ao Executivo e que inclusive também coloca o Judiciário em condições de permanente dependência.

Nada mais certo do que a atitude tomada pelo Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil. Temos realmente que agir desta maneira. Aqui fica nossa solidariedade ao Presidente da Ordem dos Advogados do Distrito Federal, Dr. Maurício Correa, pela sua posição firme em favor da democracia, em favor da liberdade, em favor dos direitos da pessoa humana.

A nossa solidariedade, Sr. Presidente, vem demonstrar a necessidade de um novo pacto social, e não um pacto social composto pelo General Figueiredo, onde se quer apenas que o povo, mais uma vez, tenha censurada sua vontade, mas um pacto social oriundo da verdadeira manifestação da Nação brasileira, através de uma Assembleia Nacional Constituinte.

A demonstração dada pelos trabalhadores rurais, em recente encontro realizado em Brasília, promovido pela CONTAC, quando também fizeram críticas na presença do Ministro Delfim Netto, ainda Ministro da Agricultura, mostrando que ele não estava à altura dos interesses da classe trabalhadora do meio rural brasileiro, vem demonstrar que há insatisfação em todos os segmentos da sociedade e que há necessidade de um novo pacto social, e este só será possível com a revogação de todas as leis de exceção, a revogação total do arbítrio, a volta à liberdade, ao pluripartidarismo verdadeiro, e não artificial e, finalmente, a convocação do povo, para que, através da Assembleia Nacional Constituinte, o País possa ter uma Constituição democrática, que seja do interesse da maioria, e não de uma minoria, como acontece presentemente no País.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra o nobre Deputado Cantídio Sampaio.

O SR. CANTÍDIO SAMPAIO (ARENA — SP. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, há certas posições que falam por si próprias. Não me lembro de que, alguns meses atrás, pudéssemos ter o ensejo de ouvir um discurso tão expressivo, tão significativo e tão contraditório quanto o que produziu o colega Deputado Adhemar Santillo. S. Ex^a sabe muito bem que, há pouco mais de oito meses, ninguém tinha a liberdade que desfrutou o Dr. Maurício Correa de ser até descortês com o Sr. Ministro da Justiça, que, convidado para paraninhar uma turma, teve de ouvir um discurso que, em última análise, refletia uma crítica, ao seu partido e às autoridades constituídas, entre as quais está S. Ex^a.

Se não ouvíamos antes e ouvimos agora, alguma coisa mudou. Se as CONTAGs anteriormente não enfrentavam Ministros e atualmente o fazem, é porque alguma coisa mudou. Se não ouvíamos discursos tão ousados até nesta Casa há poucos meses e os ouvimos agora, é porque alguma coisa mudou. E o que mudou, Sr. Presidente, foram as instituições, as aberturas demandadas por todos nós da ARENA e do MDB, que as desejávamos ardentemente.

Quando vigorava o estado de exceção, aí poderíamos considerar-nos coarctados, impedidos de fazer as nossas críticas mais objetivas e acerbas, de contestar os atos de autoridade, porque evidentemente fazia parte das estruturas excepcionais um sistema de pesos e contrapesos que poderiam ser revertidos em prejuízo dos mais afoitos.

Agora, entretanto, revogado o AI-5, revogados os decretos excepcionais, alterada a Lei de Segurança Nacional, restituída a plenitude da garantia de nossos mandatos, surgem os Robin Hoods defasados, pretendendo, depois da tempestade passada, aparecer como salvadores da Pátria.

Sr. Presidente, as liberdades vigoram neste País. Entretanto, é de mister que se destaque, as liberdades, sim, as licenças, não. Ainda somos um País estruturado com as nossas salvaguardas, com as nossas defesas para impedir que a desordem, às vezes inspirada e conduzida de além fronteiras, possa instalar aqui o mesmo clima de instabilidade e desestabilização que hoje sacode inúmeras nações, inclusive é principalmente em nosso hemisfério, e no concerto das latino-americanas.

Não, Sr. Presidente, os que julgam que a restauração das liberdades abre licença para tudo, estão decepcionados, porque encontrarão as autoridades constituídas, revestidas do poder que lhes conferem as leis vigentes, prontas para dissuadi-los, a fim de que o clima de ordem de que tanto carecemos, principalmente num instante de tantas dificuldades econômico-sociais, não seja quebrado e, não se desarvore os freios que sustentam a estabilidade desta Nação.

O Sr. Ministro da Justiça, Senador Petrônio Portella, é um homem experiente, paciente e educado para absorver um gesto ou um procedimento menos cortês, compreendê-lo e escusá-lo, porque S. Ex^a, ao longo de sua vida tão fecunda em serviços prestados a esta Nação, deu as melhores demonstrações de homem público, consciente dos seus objetivos e pronto a desculpar excessos que, de acordo com as regras consuetudinárias, são postos no rol da-

queles procedimentos que discrepam das regras de educação. Mas S. Ex^a ouviu o discurso, escusou-o, porque sabe perfeitamente que estamos numa democracia e qualquer criatura revestida ou não de autoridade pode dizer livremente, verbalmente ou por escrito, tudo o que pensa, ainda mesmo desafiando das regras mais elementares de educação.

O Sr. Elquisson Soares — Sr. Presidente, peço a palavra como Líder.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Com a palavra o nobre Deputado Elquisson Soares.

O SR. ELQUISSON SOARES (MDB — BA. Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, tenho a esperança de que o Congresso Nacional, um dia, haverá de adotar um comportamento mais sério na discussão dos problemas deste País, a fim de que se faça ouvido e respeitado pela Nação.

Os discursos, mesmo os discursos dos partidos que dão sustentação ao Governo, devem ter um mínimo de ligação com a realidade do País. O ilustre Deputado Cantídio Sampaio, que se vem notabilizando nesta Casa pela maneira fácil como justifica e advoga qualquer posição, longe de colocar o Congresso Nacional em situação de destaque — eu diria mesmo, com permissão do ilustre Líder da ARENA, em posição de respeito perante a Nação — de certo modo, faz que a Nação olhe para para esta Casa com desdém. S. Ex^a tem boa memória e disso tem dado provas soberbas, quando, gratuitamente, faz elogios aos últimos ditadores que o País foi obrigado a suportar, de 1964 até aqui. Agora, faz uma crítica ao Presidente da OAB do Distrito Federal, como se o advogado Maurício Correa estivesse dizendo alguma novidade. Propõe o Deputado Cantídio Sampaio que os discursos de crítica ao sistema são feitos hoje em razão da abertura que se registra no País.

Mas analisemos, Sr. Presidente e Srs. Congressistas, alguns fatos. Eu diria que o discurso feito diante do Sr. Petrônio Portella, quando da festa pelo recebimento de 100 novos advogados pela Ordem dos Advogados do Distrito Federal, confirma posições extraídas da Carta de Curitiba, elaborada pela Ordem dos Advogados do Brasil em Encontro Nacional, ainda no ano passado, sob o Governo Geisel, quando a ditadura estava no seu auge. Então, essa entidade, que, por excelência, uma das mais conservadoras do País vinha, já de algum tempo — e eu diria desde 64 — fustigando o regime ditatorial e defendendo os interesses nacionais. De modo que não procede a crítica feita pela Liderança da ARENA ao Presidente da Ordem dos Advogados de Brasília. S. Ex^a o advogado Maurício Correa foi apenas coerente, sério, patriota, amante da liberdade e fiel aos desejos da Nação brasileira.

Por outro lado, o ilustre Ministro da Justiça, Sr. Petrônio Portella, que se irritou diante da fala do Sr. Presidente da OAB, só o fez ainda em razão do regime ditatorial a que serve. O Sr. Petrônio Portella ficou irritado porque ele deve ser tratado, segundo seu entendimento, como um sub-rei. Afinal de contas, é ele o Ministro da Justiça, o porta-voz sistema ditatorial, da ditadura. Será que o Sr. Petrônio Portella de 15 anos atrás, eleito com o apoio do PTB de Jango para o Governo do Piauí, que elogiava Miguel Arraes quando ia a Recife — e Pernambuco tinha Miguel Arraes à frente do seu Governo — será que aquele Petrônio Portella populista ficava irritado quando alguém da UDN de então criticava João Goulart, a quem ele servia? Não se tem notícia disto. Então, hoje ele se irrita para dar uma demonstração, à ditadura, de descontentamento com as críticas feitas ao regime entreguista que impera no País.

Sr. Presidente, Srs. Congressistas, a própria Liderança da ARENA entra em contradição, porque, ao comentar o discurso do ilustre Deputado Adhemar Santillo, a primeira frase do Deputado Cantídio Sampaio foi de elogio, no sentido de que, nesta sessão, se ouviu um expressivo discurso do Deputado oposicionista. Ora, o que é expressivo não merece crítica. Se é expressivo o discurso do Deputado Adhemar Santillo, de logo este discurso está aceito, apoiado pelo ilustre Deputado Cantídio Sampaio, que exerce a Liderança da ARENA nesta Casa. Portanto, S. Ex^a pecou quando criticou, logo em seguida ao elogio, o discurso do Deputado oposicionista; pecou quando deixou de fazer justiça ao ex-Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil, Raimundo Faoro, ele, sim, um dos campeões da liberdade deste País, o precursor da reconquista do *habeas corpus*, porque enfrentou a ditadura, criticando-a de frente por este País afora. Pecou S. Ex^a quando criticou o advogado Maurício Correa, que ratificou a luta dos advogados na defesa da liberdade, contra o regime entreguista e ditatorial vigente entre nós. Hoje em dia se iniciarem os trabalhos do Congresso Nacional, a ARENA, como sempre, dá uma demonstração infeliz. Melhor seria que ela, hoje, através de sua Liderança, fizesse crítica ao Presidente Nacional do partido, Sr. José Sarney, que mandou massacrar, através de seu preposto, Sr. João Castelo, nas ruas de São Luiz, estudantes e populares. Melhor seria que a ARENA ficasse atenta aos gran-

des problemas que afligem a Nação hoje, que a Liderança da ARENA se solidarizasse com o povo maranhense, enlutado com o comportamento do Sr. José Sarney, que é, sem dúvida, o autor de tudo aquilo, porque está vendo o seu reinado desmoronar, porque está vendo o seu castelo de rei — não apenas o seu preposto castelo — de dono do Maranhão, se desmoronando. É preciso que a Nação se vá descobrindo através dos movimentos grevistas e populares, do Rio Grande do Sul até o Maranhão, agora; que a Nação vá se mostrando viva, ativa e consciente de que, sob esta ditadura, ela não pode viver mais, porque, sob ela, a própria Nação se tem descaracterizado, o País tem sido entregue a interesses estrangeiros e os que estão — de Petrônio Portella a João Baptista Figueiredo — à frente do Governo não defendem os interesses do povo brasileiro, porque estão exatamente advogando o interesse de multinacionais de países dominadores que ainda controlam a economia e — por que não afirmar? — até mesmo a política deste País.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Concedo a palavra, pela Liderança, ao nobre Deputado Bonifácio de Andrada.

O SR. BONIFÁCIO DE ANDRADA (ARENA — MG. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, as palavras dos nobres Deputados Adhemar Santillo e Elquisson Soares não são surpresa para nós, da ARENA, nem tampouco para a opinião pública brasileira. S. Ex^s repetem velhos chavões, velhos *slogans* que já entram por um ouvido e saem pelo outro.

O nobre Deputado Adhemar Santillo usa uma técnica que conheço há muito tempo. S. Ex^a afirma certos fatos que não aconteceram e, em seguida, diante de tais acontecimentos que nunca ocorreram, desdobra todo o seu raciocínio.

O eminente Ministro da Justiça, Senador Petrônio Portella, foi recebido de braços abertos, com aplausos, pela Ordem dos Advogados do Distrito Federal. O seu ilustre Presidente, Dr. Maurício Correa, fez um discurso de exaltação ao eminente Secretário de Estado do Governo do Presidente Figueiredo, dizendo que era a primeira vez que um Ministro da Justiça comparecia ao plenário da Ordem dos Advogados da Capital da República nos últimos anos. O que é preciso ficar claro é que o Ministro da Justiça foi aplaudido ali e não objeto de críticas, como já afirmou o ilustre Deputado Cantídio Sampaio, esta brilhante figura de parlamentar experimentado e atuante. O Dr. Maurício Correa fez um discurso de homenagem ao Ministro da Justiça e S. Ex^a, ao contrário de se irritar, sentiu-se feliz e satisfeito, pois a sua presença naquela organização dos homens da classe jurídica não só era da melhor aceitação, mas levava àquele ambiente de estudos e de defesa dos direitos constitucionais e humanos uma contribuição que a todos trouxe o maior contentamento.

De modo que não sei como se solidarizar, do ângulo oposicionista, com o pronunciamento do Dr. Maurício Correa a respeito da presença do Sr. Ministro da Justiça. Nós, da ARENA, é que temos que nos congratular com esse acontecimento ocorrido na Capital da República, porque ele revela, sobretudo, o espírito democrático do Sr. Ministro da Justiça e dos dirigentes da OAB — Seção do Distrito Federal. É lógico que não será difícil, num ambiente democrático, onde há posições diversas, focalizar aqui apenas as divergências, exagerando-as mesmo, para minimizar um acontecimento político e jurídico, como a presença do Ministro Petrônio Portella na Ordem dos Advogados do Brasil, Seção do Distrito Federal. O ilustre Deputado Elquisson Soares, com quem aqui temos debatido alguns temas de ordem política de — e no que vou dizer não há nenhuma crítica — é, como S. Ex^a mesmo já afirmou, um dos grandes admiradores do ex-Senador Carlos Prestes, um dos constituintes de 46. V. Ex^a, Sr. Presidente Senador Dinarte Mariz, também participou dos trabalhos de 1946 e viu denodada e aguerrida a bancada do Partido Comunista, comandado pelo antigo Capitão, que alguns consideram, ainda hoje, o "Cavaleiro da Esperança". Aliás, o "Cavaleiro da Esperança" está sendo esperado, porque a anistia do Presidente João Figueiredo vai permitir que o velho combatente das hostes stalinistas no Brasil venha novamente falar nos comícios, nas praças públicas do País. Lá estará o Deputado Elquisson Soares, batendo palmas para S. Ex^a, como o fez várias vezes, nos comícios de Salvador. S. Ex^a, aliás, é um dos líderes vibrantes do Movimento Democrático Brasileiro. Daí é que suas palavras não são isentas quando fala em Revolução, no nosso Partido e no atual Governo.

Sr. Presidente, ressalto que o Ministro Petrônio Portella marcou um grande tento, como político dotado de espírito democrático, ao comparecer à sessão da Ordem dos Advogados do Brasil, onde manteve um diálogo democrático e recebeu os aplausos dos seus colegas de profissão no Distrito Federal.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Não há mais oradores inscritos para o período destinado a breves comunicações. (Pausa.)

Através da Mensagem nº 87, de 1979-CN, o Senhor Presidente da República submete à deliberação do Congresso Nacional o projeto do Terceiro Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), para os exercícios de 1980 a 1985.

Para leitura da matéria, a Presidência convoca sessão conjunta a realizar-se hoje, às 19 horas, neste plenário.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Passa-se à

ORDÉM DO DIA

Item 1:

Votação, em turno único, do Projeto de Lei nº 16, de 1979-CN, que estende aos inativos as alterações de estrutura salarial efetuadas pelo art. 4º do Decreto-lei nº 1.660, de 24 de janeiro de 1979, tendo

PARECER favorável, sob nº 88, de 1979-CN, da Comissão Mista.

O Sr. Elquisson Soares — Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra, pela ordem, o nobre Deputado Elquisson Soares.

O SR. ELQUISSON SOARES (MDB — BA — Sem revisão do orador) — Sr. Presidente, lembraria a V. Exª que é notória a falta de *quorum* para deliberação de qualquer matéria. Gostaria que V. Exª, de ofício, fizesse a declaração.

O Sr. Cantídio Sampaio — Sr. Presidente, peço a palavra pela ordem.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra, pela ordem, o nobre Deputado Cantídio Sampaio.

O SR. CANTÍDIO SAMPAIO (ARENA — SP — Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, faço um apelo à eminente Liderança do MDB para que, à vista da matéria que está para ser votada, suspenda o pedido que acaba de fazer a V. Exª. A proposição em pauta estende aos inativos os benefícios do Plano de Reclassificação. Trata-se de pessoas humildes, que vêm atravessando as maiores vicissitudes, cuja situação tem sido objeto dos mais candentes discursos da Oposição e do partido governista nesta Casa. À vista da importância da matéria, que vai ao encontro de uma aspiração das mais sentidas de uma das classes mais sofridas do Brasil, espero que a Liderança do MDB retire o pedido que acaba de fazer a V. Exª e nos permita votar o projeto, para que, o mais brevemente possível, esses benefícios sejam estendidos aos inativos, principalmente dos Correios e Telégrafos, que estão recebendo pouco mais do que o salário mínimo. Esta vantagem lhes será paga a partir de março deste ano. Eles aguardam a aprovação do projeto para que possam "respirar" economicamente e usufruir, na inatividade, depois de tantos anos de serviços prestados à Nação, uma situação menos áspera para si e para a própria família. É um projeto que todos esperamos, há tanto tempo, que foi objeto de discursos veementes nesta Casa contra o antigo Diretor do DASP.

A primeira providência do novo Diretor — colhendo dados e subsídios na própria Casa — foi realizar este estudo e celebradamente apresentar este projeto.

Sr. Presidente, creio que, num gesto de simpatia e solidariedade não só ao Diretor do DASP, que nos traz este instrumento, pelo qual há tanto ansiávamos, mas também em solidariedade a todos os funcionários aposentados nas piores condições, transformados em párias, devemos votar agora, nesta sessão, este projeto de lei.

O Sr. Elquisson Soares (MDB — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, peço a palavra.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra o Deputado Elquisson Soares.

O SR. ELQUISSON SOARES (MDB — BA. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, o Deputado Cantídio Sampaio não deixa de ter razão, sobretudo quando reconhece a luta que a Oposição vem travando ao longo dos anos, no sentido de sensibilizar o Governo para amparar aqueles servidores que, durante sua vida, têm servido ao Estado e depois ficam entregues à miséria, por causa da insensibilidade governamental. Quanto a esta parte, o Líder da Maioria tem absoluta razão. Bem que a Oposição merecia este elogio e este reconhecimento que S. Exª acaba de fazer.

Por outro lado, se estamos tentando amparar os inativos, não é correto que, em razão disso, queiramos a inatividade do Congresso. Reclamo, Sr. Presidente e creio que o Deputado Cantídio Sampaio também, a participação

do Congresso Nacional na discussão dos problemas do País. Deputados há na Casa, Senadores também. É o instante de se começar a gritar no sentido de que eles estejam presentes à discussão, de que assistam às sessões. É uma crítica que temos de fazer à nossa Casa, porque, senão, daqui a pouco, apenas os dois Líderes comparecem e decidem. Numa matéria como esta, que é incontroversa, evidentemente todos concordarão, mas, e quando a matéria for controvertida? Não haverá prejuízo se a matéria for aprovada hoje ou daqui a 30 dias, porque a própria proposição manda que a contagem seja feita regressivamente, a partir de 1º de março de 1979.

O Deputado Cantídio Sampaio, para não parecer que estamos aqui contendo, vai contar com a minha simpatia pela proposta que faz. Mas fica o meu apelo e, sobretudo, uma advertência à Casa. Não é possível que continuemos assim, a ausência dos Parlamentares no Plenário nos leva ao descrédito, abala o conceito desta Casa e impõe, na verdade, uma reforma do Regimento. De sorte que atendo ao apelo da Liderança da ARENA, mas faço esta advertência à Casa, para que não continuemos, mesmo a despeito de estarmos ajudando os inativos do serviço público, advogando ao mesmo tempo a inatividade da própria Casa.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — À vista das declarações dos Líderes da ARENA e do MDB e, considerando, de acordo com o disposto no art. 45 *caput* do Regimento Comum, que na votação pelo processo simbólico, como no caso presente, o pronunciamento dos Líderes representará o voto dos liderados, a Presidência irá submeter o projeto ao Plenário.

O Sr. Olivir Gabardo — Sr. Presidente, peço a palavra para encaminhar a votação.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem V. Exª a palavra.

O SR. OLIVIR GABARDO (MDB — PR. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, quanto ao mérito deste projeto de lei, não se discute. Efetivamente, os salários dos trabalhadores em geral foram achatados ao extremo. No tocante ao funcionalismo público, principalmente os estatutários, a situação tornou-se dramática. E tem razão até o próprio Líder do Governo quando afirma que esses funcionários ficaram em situação de extrema penúria.

Sr. Presidente, é bom lembrar, neste instante em que se reparam as injustiças cometidas contra o funcionalismo público da União, que, os inativos, os colocados em disponibilidade foram os grandes esquecidos durante todo este tempo. Aqui já fizemos inúmeros pronunciamentos relativos aos funcionários da Rede Ferroviária Federal, do antigo Departamento de Correios e Telégrafos e do Lloyd Brasileiro. Por uma decisão do antigo Diretor do DASP, Coronel Darcy Cerqueira, esses funcionários tiveram de optar pela legislação trabalhista ou continuarem como estatutários. Aqueles que não optaram pela legislação trabalhista, foram colocados em disponibilidade, sem direito a acesso, sem direito a participar do Plano de Classificação, e se encontram, estes sim, Sr. Presidente, em situação de grave penúria, até mesmo de indigência. Formulamos um apelo à nobre Liderança do Governo, ao Sr. Diretor do DASP, no sentido de repararem essa gritante injustiça, que atinge centenas de funcionários colocados em disponibilidade e que não tiveram direito a acesso, a nada. No instante em que se reconhece esse direito aos aposentados, é importante que o Governo reconheça a injustiça brutal que cometeu contra esses funcionários e lhes dê o direito de participar do Plano de Classificação, de ter ajustados os seus salários ao nível equivalente daqueles que se encontram em atividade. Este projeto de lei não os beneficia como não os beneficiou até o presente momento toda a legislação relativa à classificação que, atingiu outros funcionários estatutários. Este é o apelo que faço no encaminhamento desta matéria.

O Sr. Isaac Newton — Para encaminhar, S., Presidente.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Tem a palavra o nobre Deputado Isaac Newton.

O SR. ISAAC NEWTON (ARENA — RO. Sem revisão do orador.) — Sr. Presidente, o projeto hoje em discussão realmente vem reparar uma injustiça muito grave que se cometeu ao excluir do Plano de Classificação de Cargos os funcionários públicos dos Correios e Telégrafos, sabidamente mal-requeridos ao longo de tantos anos, os quais hoje terão os seus proventos equiparados aos dos funcionários na ativa. Realmente, os salários, conforme esta tabela, são baixíssimos, e a inatividade a que eles passaram também significa inanição, porque não é possível viver com tais salários. Aliás, é uma observação que se deve fazer a respeito de inativos de qualquer categoria.

O funcionário, ao passar para a inatividade, deve contar os proventos equivalentes ao que recebia enquanto em atividade, porque, do contrário, ele

não passa à inatividade; permanece atuando até um limite além das suas forças. Isso ocorre hoje em vários planos. Por exemplo, no Banco do Brasil, até há bem pouco tempo, antes da gestão do Sr. Karlos Rischbieter, havia um contingente enorme de funcionários que recusavam, embora tendo cumprido seu tempo regulamentar, a gozar os frutos de aposentadoria a que faziam jus, mesmo sabendo que a sobrevivência do funcionário não vai além de 10 anos. Mas não se pode ir para a inatividade para morrer de fome. Isso ocorre atualmente também com os aeroviários, os pilotos das linhas comerciais, excetuando a VASP. Então, esta proposição é das mais justas e vem reparar, embora tardiamente, uma injustiça que se cometeu contra esses humildes funcionários, que hoje têm a sua situação, em parte, recomposta com projeto muito justo que hoje se discute nesta Casa.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Em votação o projeto.

Os Srs. Deputados que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.) Aprovado.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.) Aprovado.

Aprovado o projeto sem emendas e dispensada a redação final, nos termos regimentais, a matéria vai à sanção.

É o seguinte o projeto aprovado:

PROJETO DE LEI Nº 16, DE 1979 (CN)

Estende aos inativos as alterações de estrutura salarial efetuadas pelo artigo 4º do Decreto-lei nº 1.660, de 24 de janeiro de 1979.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. Ficam estendidas aos inativos da União as alterações de estrutura salarial a que se refere o art. 4º do Decreto-lei nº 1.660, de 24 de janeiro de 1979.

Art. 2º. A revisão de proventos decorrente desta Lei retroagirá a 1º de março de 1979.

Art. 3º. Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Item 2:

Discussão, em turno único, do Projeto de Lei nº 18, de 1979-CN, que autoriza a doação, pela Superintendência do Desenvolvimento

da Amazônia — SUDAM, de área de terreno que menciona, situada no Município de Marabá, no Estado do Pará, e dá outras providências, tendo parecer favorável da Comissão Mista sob o nº 91, de 1979-CN.

Em discussão o projeto (Pausa.)

Não havendo quem queira usar da palavra, declaro-a encerrada.

Em votação.

Os Srs. Deputados que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.) Aprovado.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.) Aprovado.

Aprovado o projeto sem emendas e dispensada a redação final, nos termos regimentais, vai à sanção.

É o seguinte o projeto aprovado:

PROJETO DE LEI Nº 18, DE 1979-CN

Autoriza a doação, pela Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — SUDAM, de área de terreno que menciona, situada no Município de Marabá, no Estado do Pará, e dá outras providências.

O Congresso Nacional decreta:

Art. 1º. Fica autorizada a Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia — SUDAM, a doar ao Departamento de Estradas de Rodagem do Estado do Pará — DER/PA, autarquia criada pelo Decreto-lei Estadual nº 32, de 7 de julho de 1969, área de terreno de sua propriedade, constituída de 37.422,52 m², situada no perímetro de expansão urbana da cidade de Marabá, cujos limites e confrontações serão estabelecidos na escritura pública de doação.

Art. 2º. O terreno a ser doado destina-se à construção das instalações da 5ª Divisão Regional do DER/PA, na sede daquele município, cabendo ao donatário arcar com as despesas necessárias.

Art. 3º. Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

O SR. PRESIDENTE (Dinarte Mariz) — Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 12 horas e 10 minutos.)

ATA DA 198ª SESSÃO CONJUNTA, EM 19 DE SETEMBRO DE 1979

1ª Sessão Legislativa Ordinária, da 9ª Legislatura

PRESIDÊNCIA DO SR. GABRIEL HERMES

ÀS 19 HORAS, ACHAM-SE PRESENTES OS SRS. SENADORES:

José Guimard — Eunice Michiles — Raimundo Parente — Gabriel Hermes — Jarbas Passarinho — Alexandre Costa — Henrique de La Rocque — José Sarney — Alberto Silva — Helvídio Nunes — Agenor Maria — Dinarte Mariz — Jessé Freire — Cunha Lima — Humberto Lucena — Milton Cabral — Marcos Freire — Nilo Coelho — Arnon de Mello — Luiz Cavalcante — Teotônio Vilela — Gilvan Rocha — Lourival Baptista — Passos Pôrto — Lomanto Júnior — Luiz Viana — Dirceu Cardoso — João Calmon — Moacyr Dalla — Amaral Peixoto — Hugo Ramos — Nelson Carneiro — Roberto Saturnino — Itamar Franco — Murilo Badaró — Tancredo Neves — Franco Montoro — Orestes Quêrcia — Benedito Ferreira — Henrique Santillo — Lázaro Barboza — Gastão Müller — Pedro Pedrossian — Affonso Camargo — José Richa — Evelásio Vieira — Jaison Barreto — Lenoir Vargas — Pedro Simon.

E OS SRS. DEPUTADOS:

Acre

Aluizio Bezerra — MDB; Amílcar de Queiroz — ARENA; Geraldo Fleming — MDB; Nabor Júnior — MDB; Nasser Almeida — ARENA; Willy Vianna — ARENA.

Amazonas

Joel Ferreira — MDB; Josué de Souza — ARENA; Mário Frota — MDB; Rafael Faraco — ARENA; Vivaldo Frota — ARENA.

Pará

Antônio Amaral — ARENA; Brabo de Carvalho — ARENA; Jader Barbalho — MDB; João Menezes — MDB; Jorge Arbage — ARENA; Lúcia Viveiros — MDB; Manoel Ribeiro — ARENA; Nélito Lobato — MDB; Osvaldo Melo — ARENA; Sebastião Andrade — ARENA.

Maranhão

Edson Vidigal — ARENA; Freitas Diniz — MDB; João Alberto — ARENA; José Ribamar Machado — ARENA; Luiz Rocha — ARENA; Magno Bacelar — ARENA; Marão Filho — ARENA; Nagib Haickel — ARENA; Victor Trovão — ARENA; Vieira da Silva — ARENA.

Paraná

Carlos Augusto — ARENA; Correia Lima — ARENA; Hugo Napoleão — ARENA; Joel Ribeiro — ARENA; Ludgero Raulino — ARENA; Milton Brandão — ARENA; Paulo Ferraz — ARENA; Pinheiro Machado — ARENA.

Ceará

Adauto Bezerra — ARENA; Antônio Moraes — MDB; Cesário Barreto — ARENA; Claudino Sales — ARENA; Cláudio Philomeno — ARENA; Evandro Ayres de Moura — ARENA; Figueiredo Correia — MDB; Flávio Marçílio — ARENA; Furtado Leite — ARENA; Gomes da Silva — ARENA; Haroldo Sanford — ARENA; Iranildo Pereira — MDB; Leorne Belém — ARENA; Manoel Gonçalves — MDB; Mauro Sampaio — ARENA; Osian Araripe — ARENA; Paulo Lustosa — ARENA; Paulo Studart — ARENA.

Rio Grande do Norte

Carlos Alberto — MDB; Djalma Marinho — ARENA; Henrique Eduardo Alves — MDB; João Faustino — ARENA; Vingt Rosado — ARENA; Wanderley Mariz — ARENA.

Paraíba

Ademar Pereira — ARENA; Álvaro Gaudêncio — ARENA; Antônio Gomes — ARENA; Antônio Mariz — ARENA; Arnaldo Lafayette — MDB; Carneiro Arnaud — MDB; Ernani Satyro — ARENA; Joacil Pereira — ARENA; Marcondes Gadelha — MDB; Octacílio Queiroz — MDB; Wilson Braga — ARENA.

Pernambuco

Airon Rios — ARENA; Augusto Lucena — ARENA; Carlos Wilson — ARENA; Cristina Tavares — MDB; Fernando Coelho — MDB; Fernando Lyra — MDB; Geraldo Guedes — ARENA; Inocêncio Oliveira — ARENA; João Carlos de Carli — ARENA; Joaquim Coutinho — ARENA; Joaquim Guerra — ARENA; José Carlos Vasconcelos — MDB; José Mendonça Bezerra — ARENA; Josias Leite — ARENA; Marcus Cunha — MDB; Nilson Gibson — ARENA; Oswaldo Coelho — ARENA; Pedro Corrêa — ARENA; Ricardo Fiuza — ARENA; Roberto Freire — MDB; Sérgio Murilo — MDB; Thales Ramalho — MDB.

Alagoas

Albérico Cordeiro — ARENA; Antônio Ferreira — ARENA; Divaldo Suruagy — ARENA; José Costa — MDB; Mendonça Neto — MDB; Murilo Mendes — ARENA.

Sergipe

Adroaldo Campos — ARENA; Celso Carvalho — ARENA; Francisco Rollemberg — ARENA; Jackson Barreto — MDB; Tertuliano Azevedo — MDB.

Bahia

Afrísio Vieira Lima — ARENA; Ângelo Magalhães — ARENA; Carlos Sant'Anna — ARENA; Djalma Bessa — ARENA; Elquisson Soares — MDB; Fernando Magalhães — ARENA; Francisco Benjamin — ARENA; Francisco Pinto — MDB; Henrique Brito — ARENA; Hildérico Oliveira — MDB; Honorato Vianna — ARENA; Horácio Matos — ARENA; João Alves — ARENA; Jorge Vianna — MDB; José Amorim — ARENA; José Penedo — ARENA; Leur Lomanto — ARENA; Manoel Novaes — ARENA; Marcelo Cordeiro — MDB; Menandro Minahim — ARENA; Ney Ferreira — MDB; Odulfo Domingues — ARENA; Raimundo Urbano — MDB; Rogério Rego — ARENA; Rômulo Galvão — ARENA; Roque Aras — MDB; Ruy Bacelar — ARENA; Stoessel Dourado — ARENA; Ubaldo Dantas — ARENA; Wilson Falcão — ARENA.

Espírito Santo

Belmiro Teixeira — ARENA; Feu Rosa — ARENA; Gerson Camata — ARENA; Luiz Baptista — MDB; Mário Moreira — MDB; Max Mauro — MDB; Theodorico Ferraz — ARENA; Walter de Prá — ARENA.

Rio de Janeiro

Alair Ferreira — ARENA; Alcir Pimenta — MDB; Álvaro Valle — ARENA; Amâncio de Azevedo — MDB; Benjamim Farah — MDB; Celso Peçanha — MDB; Daniel Silva — MDB; Darclio Ayres — ARENA; Dasso Coimbra — ARENA; Délio dos Santos — MDB; Edison Khair — MDB; Felipe Penna — MDB; Florim Coutinho — MDB; Hyckel Freitas — ARENA; Joel Lima — MDB; Joel Vivas — MDB; JG de Araújo Jorge — MDB; Jorge Cury — MDB; Jorge Gama — MDB; José Frejat — MDB; José Maria de Carvalho — MDB; José Maurício — MDB; José Torres — MDB; Lázaro Carvalho — MDB; Léo Simões — MDB; Lygia Lessa Bastos — ARENA; Mac Dowel Leite de Castro — MDB; Marcello Cerqueira — MDB; Marcelo Medeiros — MDB; Márcio Macedo — MDB; Miro Teixeira — MDB; Modesto da Silveira — MDB; Osmar Leitão — ARENA; Paulo Rattes — MDB; Paulo Torres — ARENA; Pedro Faria — MDB; Peixoto Filho — MDB; Péricles Gonçalves — MDB; Rubem Dourado — MDB; Rubem Medina — MDB; Saramago Pinheiro — ARENA; Simão Sessim — ARENA; Walter Silva — MDB.

Minas Gerais

Aécio Cunha — ARENA; Altair Chagas — ARENA; Antônio Dias — ARENA; Batista Miranda — ARENA; Bento Gonçalves — ARENA; Bias

Fortes — ARENA; Bonifácio de Andrada — ARENA; Carlos Cotta — MDB; Castejon Branco — ARENA; Christóvam Chiradia — ARENA; Dário Tavares — ARENA; Edgard Amorim — MDB; Edilson Lamartine — ARENA; Fued Dib — MDB; Genival Tourinho — MDB; Hélio Garcia — ARENA; Homero Santos — ARENA; Hugo Rodrigues da Cunha — ARENA; Humberto Souto — ARENA; Ibrahim Abi-Ackel — ARENA; Jairo Magalhães — ARENA; João Hercúlio — MDB; Jorge Ferraz — MDB; Jorge Vargas — ARENA; José Carlos Fagundes — ARENA; Juarez Batista — MDB; Júnia Marise — MDB; Leopoldo Bessone — MDB; Luiz Bacarini — MDB; Luiz Leal — MDB; Magalhães Pinto — ARENA; Melo Freire — ARENA; Moacir Lopes — ARENA; Navarro Vieira Filho — ARENA; Newton Cardoso — MDB; Nogueira de Rezende — ARENA; Pimenta da Veiga — MDB; Raul Bernardo — ARENA; Renato Azeredo — MDB; Roman Tito — MDB; Rosemburgo Romano — MDB; Sérgio Ferrara — MDB; Sílvio Abreu Jr. — MDB; Tarcísio Deigado — MDB; Telêmaco Pompei — ARENA; Vicente Guabiroba — ARENA.

São Paulo

Adalberto Camargo — MDB; Adhemar de Barros Filho — ARENA; Aírton Sandoval — MDB; Aírton Soares — MDB; Alcides Francistado — ARENA; Alberto Goldman — MDB; Antônio Morimoto — ARENA; Antônio Russo — MDB; Antônio Zacharias — MDB; Athiê Coury — MDB; Audálio Dantas — MDB; Aurélio Peres — MDB; Baldacci Filho — ARENA; Benedito Marcílio — MDB; Caio Pompeu — ARENA; Cantídio Sampaio — ARENA; Cardoso Alves — MDB; Cardoso de Almeida — ARENA; Carlos Nelson — MDB; Del Bosco Amaral — MDB; Diogo Nomura — ARENA; Erasmo Dias — ARENA; Flávio Chaves — MDB; Francisco Leão — MDB; Francisco Rossi — ARENA; Freitas Nobre — MDB; Gióia Júnior — ARENA; Henrique Turner — ARENA; Herbert Levy — ARENA; Horácio Ortiz — MDB; Israel Dias-Novaes — MDB; Jayro Maltoni — MDB; João Arruda — MDB; João Cunha — MDB; Jorge Paulo — MDB; José Camargo — MDB; José de Castro Coimbra — MDB; Maluly Netto — ARENA; Mário Hato — MDB; Natal Gale — MDB; Octacílio Almeida — MDB; Octávio Torrecilla — MDB; Pacheco Chaves — MDB; Pedro Carolo — ARENA; Ralph Biasi — MDB; Roberto Carvalho — MDB; Ruy Codo — MDB; Ruy Silva — ARENA; Salvador Julianelli — ARENA; Samir Achoa — MDB; Santilli Sobrinho — MDB; Tidei de Lima — MDB; Ulysses Guimarães — MDB; Valter Garcia — MDB.

Goias

Adhemar Santillo — MDB; Anísio de Souza — ARENA; Fernando Cunha — MDB; Francisco Castro — ARENA; Genésio de Barros — ARENA; Hélio Levy — ARENA; Iram Saraiva — MDB; Iturival Nascimento — MDB; Jamel Cecílio — ARENA; José de Assis — ARENA; José Freire — MDB; Paulo Borges — MDB; Rezende Monteiro — ARENA; Siqueira Campos — ARENA.

Mato Grosso

Alfo Stefanini — ARENA; Bento Lobo — ARENA; Carlos Bezerra — MDB; Cristino Cortes — ARENA; Gilson de Barros — MDB; Júlio Campos — ARENA; Louremberg Nunes Rocha — ARENA; Milton Figueiredo — ARENA.

Mato Grosso do Sul

Antônio Carlos de Oliveira — MDB; João Câmara — ARENA; Levy Dias — ARENA; Ruben Figueiró — ARENA; Ubaldo Barê — ARENA; Valter Pereira — MDB.

Paraná

Adolpho Franco — ARENA; Adriano Valente — ARENA; Álvaro Dias — MDB; Amadeu Geara — MDB; Antônio Annibelli — MDB; Antônio Mazurek — ARENA; Antônio Ueno — ARENA; Ari Kffuri — ARENA; Arnaldo Busato — ARENA; Borges da Silveira — ARENA; Braga Ramos — ARENA; Ernesto Dall'Oglio — MDB; Euclides Scalco — MDB; Heitor Alencar Furtado — MDB; Hélio Duque — MDB; Hermes Macedo — ARENA; Igo Losso — ARENA; Italo Conti — ARENA; Lúcio Cioni — ARENA; Mário Stamm — ARENA; Maurício Fruet — MDB; Nivaldo Kruger — MDB; Norton Macedo — ARENA; Olivir Gabardo — MDB; Osvaldo Macedo — MDB; Paulo Marques — MDB; Paulo Pimentel — ARENA; Pedro Sampaio — ARENA; Roberto Galvani — ARENA; Sebastião Rodrigues Júnior — MDB; Vilela de Magalhães — ARENA; Walber Guimarães — MDB; Waldmir Belinati — MDB.

Santa Catarina

Adhemar Ghisi — ARENA; Angelino Rosa — ARENA; Arnaldo Schmitt — ARENA; Artenir Werner — ARENA; Ernesto de Marco — MDB; Evaldo Amaral — ARENA; Francisco Libardoni — MDB; João Linhares — ARENA; Juarez Furtado — MDB; Luís Cechinel — MDB; Mendes de Melo — MDB; Nelson Morro — ARENA; Pedro Ivo — MDB; Victor Fontana — ARENA; Walmor de Luca — MDB.

Rio Grande do Sul

Alberto Hoffmann — ARENA; Alcebiades de Oliveira — ARENA; Alceu Collares — MDB; Aldo Fagundes — MDB; Alexandre Machado — ARENA; Cardoso Fregapani — MDB; Carlos Chiarelli — ARENA; Carlos Santos — MDB; Cid Furtado — ARENA; Cláudio Strassburger — ARENA; Darcy Pozza — ARENA; Eloar Guazzelli — MDB; Eloy Lenzi — MDB; Emídio Perondi — ARENA; Getúlio Dias — MDB; Harry Sauer — MDB; Hugo Mardini — ARENA; Jairo Brum — MDB; João Gilberto — MDB; Jorge Uequed — MDB; Júlio Costamilan — MDB; Lidovino Fanton — MDB; Magnus Guimarães — MDB; Nelson Marchezan — ARENA; Odacir Klein — MDB; Pedro Germano — ARENA; Telmo Kirst — ARENA; Túlio Barcelos — ARENA; Waldir Walter — MDB.

Amapá

Antônio Pontes — MDB; Paulo Guerra — ARENA.

Roraima

Isaac Newton — ARENA; Jerônimo Santana — MDB.

Roraima

Hélio Campos — ARENA; Júlio Martins — ARENA.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — As listas de presença acusam o comparecimento de 49 Srs. Senadores e 399 Srs. Deputados. Havendo número regimental, declaro aberta a sessão.

Passando-se ao período destinado a breves comunicações, concedo a palavra ao nobre Deputado Antônio Morimoto.

O SR. ANTÔNIO MORIMOTO (ARENA — SP. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, o "Instituto de Cultura Hispânica" promoveu, no dia cinco deste mês, às dezenove horas, sob a presidência do Embaixador da República Espanhola junto ao Governo brasileiro, Don Francisco Javier Vallauré, e em sua sede, o lançamento do livro *Experiência Espanhola*, de autoria do Prof. Vamireh Chacon, Assessor Especial para Assuntos Internacionais do Ministério da Educação e Cultura.

Estavam presentes àquela solenidade, que se constituiu numa esplêndida noite de cultura, além do Embaixador espanhol, o Ministro Eduardo Portella, o Ministro Petrônio Portella, da Justiça, a Secretária de Educação do Governo do Distrito Federal, Prof. Eurides Brito, e o Magnífico Reitor da Universidade de Brasília, Prof. José Carlos de Almeida Azevedo, personalidades estas que compuseram a Mesa diretora daquela tertúlia. Na assistência, onde se encontravam mais de cem pessoas, contavam-se outros embaixadores acreditados junto ao Governo brasileiro, como o Decano dos Embaixadores Latino-Americanos, representante da República Dominicana, Don José Angel Savignon, e o Embaixador da Alemanha Federal; o Senador Marcos Freire; os Deputados Djalma Marinho, ilustre Presidente da Comissão de Constituição e Justiça desta Casa; Nelson Marchezan, Líder do Governo na Câmara dos Deputados, e Audálio Dantas. Serviu como Mestre de Cerimônias na festividade o Diretor do Instituto de Cultura Hispânica, Prof. Luís Rúblio-Chavarri y Alcalá-Zamora.

O livro *Experiência Espanhola*, do Dr. Vamireh Chacon, Sr. Presidente, é fruto de suas visitas àquela formosa terra, uma das quais se deu exatamente no momento da transição do regime antigo para o atual. Condensado em cerca de cento e oitenta páginas, muitas das quais destinadas à transcrição de importantes documentos da vida espanhola contemporânea — entre os quais avulta a Constituição de 1978 — foi definido pelo Embaixador espanhol, em sua fala de saudação ao autor, como "uma radiografia da Espanha atual, no exato momento de sua transição", acrescentando:

"Não será fácil condensar-se em menor espaço massa maior de informações corretas sobre um fenômeno social e político da maior importância para este século."

E sentenciou que "não se trata de um livro polêmico".

Ao assumir a palavra, o Dr. Vamireh Chacon — que já publicou mais de duas dezenas de livros no Brasil e no exterior, além de inúmeros artigos especializados em jornais e revistas daqui e de fora; que acumula vários títulos acadêmicos de graduação e pós-graduação em universidades brasileiras e estrangeiras; que é Professor Titular de História e Sociologia na Universidade de Brasília e é o Professor Visitante de renomadas Universidades americanas e européias; que é natural do Recife, onde nasceu a 1º de fevereiro de 1934, e em cujas Faculdades se licenciou e se doutorou em História e em Sociologia — ao assumir a palavra, o ilustre autor de *A Experiência Espanhola* fixou, com perfeita didática, como se estivesse dando uma aula, o fato de que o Brasil e a Espanha de hoje muito se parecem e suas experiências mútuas muito podem beneficiar a ambos. Realçou com emoção suas ligações afetivas com a terra de Cervantes, traçando um paralelo entre Recife e Espanha. Realçou, especialmente, a abertura com ordem que a Espanha está hoje experimentando.

Ao registrar o lançamento do precioso livro *A Experiência Espanhola*, que ao nascer já é livro-texto na Universidade de Brasília, Srs. Deputados, quero cumprimentar seu autor, que, assim, ao mesmo tempo em que enriquece sua já respeitável bagagem literária, põe à disposição do público brasileiro, especialmente dos políticos de nossa Pátria, um perfeito, embora sucinto, exame crítico da realidade espanhola atual.

Era o que tinha a dizer.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — Concedo a palavra ao Deputado Modesto da Silveira.

O SR. MODESTO DA SILVEIRA (MDB — RJ. Pronuncia o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Congressistas, meu pronunciamento de hoje é para registrar nos Anais do Congresso um tristíssimo acontecimento para milhares de amigos do Estado do Rio de Janeiro e de todo o Brasil. Trata-se do falecimento do meu jovem amigo e meu ex-cliente Sérgio Augusto Coimbra de Mello, que foi ontem sepultado no Cemitério de Charitas, em Niterói. Vítima de acidente automobilístico, quando voltava, em companhia do Prefeito de Cabo Frio, José Bonifácio Ferreira Novelino, depois de participarem da recepção ao ex-Governador Miguel Arraes, em Recife.

Pelos milhares de olhos vermelhos e molhados, gargantas embargadas, silêncio pesado. Podia-se sentir no ar a grande perda do amigo Serginho, o "Alemão".

Ele, quase menino ainda, tornou-se meu amigo e cliente quando perseguido pelo sistema policial posterior a 1964, sequestrado e torturado por sua luta de universitário que sonhava com o estabelecimento de uma democracia em nosso País. Tão seguramente inocente e vítima, que foi absolvido em todas as instâncias judiciais.

Seu pai, Dr. Jucá, lá não estava, não resistiu talvez aos sofrimentos do filho que amava e por cujas torturas teve, talvez, sua própria vida encurtada. Lembro-me bem do jeito, dos olhos e dos gestos de sofrimento do Dr. Jucá, enquanto não conseguimos tirar o "Serginho" da tortura da repressão. Mas Dona Dulce, sua mãe, lá estava ao lado de sua esposa Elizabeth e seus irmãos Luiz Carlos, José Luiz e Carlos Augusto Coimbra de Mello, o nosso "Gutinho", valoroso Vereador de Niterói, todos carregando sua mais profunda e pesada dor, auxiliados por seus parentes e inúmeros amigos. Amigos e parentes que carregaram seu caixão mostravam, no silêncio molhado, que Serginho não morreu e que, juntos, continuaremos carregando suas idéias e seus sonhos de criar neste País uma Democracia para todos os "Serginhos" que hão de vir depois dele.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — Não há mais oradores inscritos para breves comunicações.

A Presidência convoca sessão conjunta, a realizar-se amanhã, às 11 horas, neste plenário, destinada à discussão da Proposta de Emenda à Constituição nº 21, de 1979, que altera a redação dos artigos 101 e 102 da Constituição Federal.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — Passa-se à

ORDEM DO DIA

A presente sessão destina-se à leitura da Mensagem Presidencial nº 87, de 1979-CN, que será feita pelo Sr. 1º-Secretário.

É lida a seguinte

MENSAGEM
Nº 87, de 1979-CN

(Nº 317/79, na origem)

Excelentíssimos Senhores Membros do Congresso Nacional:

Tenho a honra de submeter à elevada deliberação de Vossas Excelências o projeto do III Plano Nacional de Desenvolvimento (PND), para os exercícios de 1980 a 1985, o qual sintetiza, em essência, a política de desenvolvimento econômico e social, definindo diretrizes, objetivos, estratégias globais, setoriais e regionais e os instrumentos gerais de ação governamental.

Tem esse Plano Nacional de Desenvolvimento na devida conta o fato de que, para ser flexível, realista e válido, deve ser um documento normativo, que contenha a política nacional de desenvolvimento e seus desdobramentos, sem metas quantitativas, desaconselhadas pelo próprio dinamismo do sistema sócio-econômico.

É tão árdua quanto desafiadora a tarefa de conciliar a escassez de recursos com as necessidades maiores de uma sociedade já complexa e de vocação democrática, cujo projeto de desenvolvimento é fortemente influenciado pelas profundas mudanças internacionais.

Ao encaminhar ao Congresso Nacional o anexo projeto do III Plano Nacional de Desenvolvimento, faço-o com a plena convicção de que saberão Vossas Excelências irmanar-se ao Governo no objetivo de, através da sua execução consciente e criteriosa, contribuir para o progresso e o desenvolvimento permanente de nosso País e de nosso Povo.

Brasília, 13 de setembro de 1979. — **João B. de Figueiredo.**

Capítulo I

FUNDAMENTOS

Este Plano explicita os principais objetivos e linhas de atuação governamental para o período 1980/85 e estabelece orientações para os setores privados.

Sua elaboração em nenhum momento perdeu de vista que o planejamento do desenvolvimento é um processo dinâmico, condicionado pela própria evolução da sociedade e da economia do País.

Uma das principais características do documento é sua flexibilidade. Esta é indispensável para que o Governo e todos os setores da sociedade possam permanentemente

adaptar e ajustar seu comportamento e suas ações à conjuntura existente, sempre em benefício dos objetivos do desenvolvimento nacional.

A plena execução da política nacional de desenvolvimento — para realizar o objetivo maior de construir uma sociedade democrática e desenvolvida — exige a motivação e o engajamento dos três Poderes de Governo e da população no amplo esforço de mobilização das grandes potencialidades do País.

As definições e opções deste Plano Nacional de Desenvolvimento para 1980/85 têm por base:

I — a certeza de que a sociedade brasileira está plenamente capacitada e motivada para enfrentar e vencer os desafios adicionais que a economia mundial acrescentou ao já anteriormente árduo esforço nacional de construção de uma sociedade desenvolvida e livre, o que é sustentado pelo incontestável desenvolvimento econômico e social já alcançado, a capacidade de realização historicamente demonstrada pelo povo brasileiro — inclusive em períodos de crise mundial — e as reconhecidamente vastas potencialidades econômicas do Brasil;

II — a evidência de que é imperioso enfatizar certos prazos do desenvolvimento brasileiro recente, reajustando-os às modificações e incertezas decorrentes da crise energética e de seus reflexos;

III — o reconhecimento de que um país em desenvolvimento com tantas potencialidades e problemas como o Brasil não pode renunciar ao crescimento, seja por legítimas aspirações de seu povo por maior prosperidade, seja pelo alto custo social da estagnação ou do retrocesso;

IV — a necessidade imperiosa de concentrar esforços governamentais na promoção de distribuição mais justa dos frutos do desenvolvimento econômico, dirigindo-se prioritariamente para a melhoria das condições de vida dos segmentos menos favorecidos da população brasileira;

V — o respeito ao incontestável amadurecimento político da sociedade brasileira e ao histórico compromisso da Revolução de 1964 com sua vocação e seu ideal democrático;

VI — o reconhecimento também da opção brasileira pela economia de mercado, onde o planejamento do desenvolvimento e toda a atuação governamental devem voltar-se para a orientação, apoio e estímulo aos setores privados, limitando-se o Governo, como produtor e investidor, aos campos e atividades exigidos pelo interesse e segurança nacionais e aos projetos não desejados ou inviáveis para a livre iniciativa;

VII — a evidência de que o planejamento nacional deve concentrar esforços na formulação de políticas exequíveis e socialmente pertinentes, pois as incertezas dos tempos atuais obrigam a não fazer do uso das técnicas quantitativas de planejamento fontes de compromissos ou de fixação

de metas rígidas a alcançar, cabendo apenas vê-las como recursos técnicos para facilitar a formulação de estratégias; e

VIII — o objeto do esforço nacional é a valorização do homem brasileiro. Isto ganha particular expressão na tentativa de a ele garantir condições dignas de trabalho e remuneração adequada à satisfação de suas necessidades básicas.

Assim, este Plano Nacional de Desenvolvimento é sobretudo um documento qualitativo que explicita a política de desenvolvimento adotada e seus desdobramentos. Define objetivos, diretrizes, critérios, medidas e instrumentos de ação. Estes são válidos enquanto perdurarem condicionantes como os seguintes:

- i — permanência e desdobramento da crise energética;
- ii — persistência do balanço de pagamentos como restrição crítica;
- iii — crescentes pressões sobre o nível e custo da dívida externa;
- iv — substancial pressão inflacionária de origem interna e externa; e
- v — necessidade de crescer para criar o maior número possível de empregos.

Capítulo II

OBJETIVOS

O objetivo-síntese deste III PND é a construção de uma sociedade desenvolvida e livre, em benefício de todos os brasileiros, no menor prazo possível.

O processo de desenvolvimento deve orientar-se, por isso, para o melhor equilíbrio setorial e regional da economia brasileira e para a melhoria da renda das classes sociais de menor poder aquisitivo.

A escolha desta orientação decorre do objetivo-síntese e do reconhecimento de que a repartição social dos resultados da expansão econômica nacional tem beneficiado desigualmente as classes sociais: nas populações de menor renda, a renda média tem crescido com menor rapidez.

Não obstante, esta constatação não invalida a opção de crescer rápido. Uma das razões que fundamentam esta opção é exatamente a necessidade de criação de mais empregos em prazos mais curtos, de modo a proporcionar desde logo a democratização das oportunidades de trabalho e a melhoria da qualidade de vida das

populações de baixa renda e em regime de pobreza absoluta.

O rápido crescimento da economia pode e deve, portanto, ser conjugado com o objetivo de distribuir a renda gerada. Dentro deste princípio, uma política legítima e viável de distribuição da renda deve incluir a manutenção das liberdades democráticas e políticas, inclusive com respeito a negociações salariais. Deve permitir a legítima discriminação do uso dos instrumentos tributários e fiscais da política econômica em benefício da justiça social. E deve, ainda, orientar a execução da política de desenvolvimento para a obtenção de crescente disponibilidade e acesso aos serviços de educação, saúde, saneamento e previdência social, bem como de moradia, alimentação, transportes e oportunidades de trabalho.

Uma política de distribuição da renda exige ainda que se privilegie o desenvolvimento das áreas densamente habitadas e carentes de recursos — caso do Nordeste, das áreas superpovoadas onde a qualidade da vida se deteriora, como na periferia das grandes cidades, e das grandes áreas que exigem cautela e disciplina na sua efetiva incorporação à economia nacional, a exemplo da desejada ocupação não predatória da Amazônia.

Os esforços de melhoria do perfil da distribuição da renda ficariam prejudicados, porém, caso não se promovesse simultaneamente o aumento da oferta de empregos e a elevação da produtividade do trabalho.

Esta é a razão da ênfase que o III PND dá ao desenvolvimento agropecuário e à ampliação da infra-estrutura social, buscando: criar mais empregos com menores investimentos; reduzir o hipercrecimento urbano; eliminar os elevados níveis de subemprego e desemprego nas cidades e seus reflexos negativos na qualidade da vida urbana.

A respeito, é oportuno observar que a prática das diretrizes e prioridades eleitas neste III PND implica profunda redefinição a longo prazo da relação crescimento econômico/absorção de mão-de-obra. É que os estímulos à adoção de tecnologias que impliquem o uso de capital intensivo na agropecuária devem contemplar unicamente os projetos e áreas onde elas se revelem indispensáveis. Nos demais casos, a orientação é dar prioridade aos projetos estratégicos para a geração de empregos.

Finalmente, o objetivo de melhorar a distribuição da renda reforça a necessidade de se controlar permanentemente a inflação. Já que são especialmente perversos os seus efeitos no orçamento das famílias de baixa renda, torna-se ainda mais enfática a prioridade da elevação da produtividade e da produção agropecuária, para permitir a transferência aos consumidores de parte

dos respectivos ganhos, através da redução dos preços dos produtos alimentares.

Além do progresso material, a execução deste Plano visa à obtenção de padrões dignos de vida e convivência social, dentro de um verdadeiro estado de direito que assegure a maior representatividade possível às diversas correntes de opiniões existentes no País.

Para o Governo, o objetivo democrático é indissociável da idéia básica de melhorar a qualidade da vida de todos os brasileiros, de democratizar as oportunidades e de eliminar quaisquer discriminações ou preconceitos entre os brasileiros.

Capítulo III

ESTRATÉGIA

O planejamento é um instrumento que auxilia a sociedade a ordenar os seus esforços no sentido de atender às suas aspirações. A sociedade brasileira tem mostrado que suas aspirações fundamentais correspondem, no plano econômico, à elevação persistente dos níveis de bem-estar e, no plano político, à construção de uma sociedade aberta e democrática.

A manutenção de crescimento acelerado é condição necessária e indispensável à elevação dos níveis de bem-estar. A taxa de crescimento da população, conjugada às legítimas aspirações de todos os segmentos da sociedade por melhores padrões de vida, impõe por sua vez níveis mínimos de geração de emprego e crescimento da produtividade, somente viáveis a partir de um certo ritmo de crescimento.

Desse modo, o grande desafio é identificar uma estratégia de crescimento que conduza à redução das desigualdades sociais e à correção, ainda que gradual, dos desequilíbrios do balanço de pagamentos e das pressões inflacionárias internas.

A redução dos desequilíbrios sociais deverá permear toda a estratégia, no sentido de que se caracterize um padrão de desenvolvimento compatível com a melhor distribuição da renda. Esta inclui expressamente a aplicação de um significativo volume de recursos públicos nos setores sociais. Esse programa implicará a rápida ampliação da oferta de alimentos, habitação, saúde e saneamento, visando a beneficiar a população de baixa renda.

Numa visão de longo prazo, existem sólidas razões para uma atitude otimista quanto à viabilidade do crescimento acelerado. Essa atitude não resulta do desconhecimento do fato de que o Brasil e outros países em desenvolvimento e não produtores de petróleo compõem um grupo dos

mais afetados pelos desequilíbrios subsequentes à crise do petróleo. Ela é consequência da consideração das condições específicas da economia brasileira no contexto internacional.

Um elemento comum, nas avaliações de perspectivas mundiais de médio e longo prazos, corresponde à observação de que as tendências observadas de crescimento populacional, conjugadas com o ritmo de ocupação das fronteiras agrícolas e perspectivas de exaustão das mais importantes fontes não renováveis de energia, fazem prever o agravamento das condições de atendimento das demandas de alimentos e de energia. Nessa perspectiva, é quase impossível ignorar as vantagens comparativas apresentadas pela economia brasileira. A existência de um importante potencial de energia hidrelétrica ainda por explorar, conjugada à disponibilidade de solos e condições climáticas favoráveis, a par do dinamismo revelado pelo desenvolvimento econômico já realizado, coloca o País em condições particularmente favoráveis num mundo em que a escassez de alimentos e de energia assume ampla importância.

No curto prazo, para viabilizar o objetivo de crescimento, é indispensável avaliar corretamente as possibilidades de alterar de modo significativo os fluxos de receita e despesa em moeda estrangeira. Assim, ainda que necessários, os esforços redobrados no sentido de reduzir as importações têm tido sua eficácia limitada pelas dificuldades de substituição rápida do petróleo e outros insumos básicos. Consequentemente, a imediata expansão das exportações deverá constituir uma tarefa de fundamental importância na ruptura do estrangulamento externo.

Reconhecidamente, o setor privado tem revelado grande capacidade de resposta às políticas de incentivo às exportações implementadas na última década. As vendas externas de manufaturados têm apresentado comportamento satisfatório mesmo no período posterior à elevação dos preços do petróleo. Na atual conjuntura, caracterizada pela existência de capacidade ociosa em vários segmentos da indústria nacional, parcela significativa das exportações adicionais poderá ser obtida mediante utilização mais intensiva do capital físico existente.

As perspectivas de expansão das exportações ficam mais favoráveis quando se considera a contribuição que poderá ser dada pelo setor primário. Por ser uma atividade que utiliza mais intensamente fatores de que a economia brasileira dispõe em maior abundância relativa, a agricultura certamente detém a liderança em termos de vantagens comparativas internacionais. A adequada utilização de instrumentos de política econômica voltados para o setor agropecuário, conjugada a uma política comercial estimulante, deverá conduzir à rápida ampliação das exportações desse setor.

Certamente, a ampliação da produção para atender à demanda interna e ao crescimento das exportações implicará

alguma elevação do fluxo de importações. Entretanto, existem alguns fatores, inclusive de natureza conjuntural, que garantem um resultado positivo da estratégia para a balança comercial.

Será possível ampliar a exportação de manufaturados, no curto prazo, com impacto relativamente pequeno sobre a demanda de equipamentos importados, em face da existência de capacidade ociosa no parque industrial.

Do lado das necessidades adicionais de matérias-primas e componentes de origem externa, a experiência recente indica que o crescimento das vendas externas de manufaturados produz saldo positivo em divisas. Não se deve ignorar, por outro lado, o aumento da capacidade de produção de insumos básicos nos últimos anos e o fato de que parcela substancial dos manufaturados exportados é constituída de produtos que utilizam matérias-primas de origem agrícola.

Considerações análogas se aplicam no caso da exportação de produtos primários, cujo coeficiente de importação de insumos é reconhecidamente mais baixo.

Finalmente, o resultado positivo da balança comercial será ainda reforçado mediante adequada programação das importações do setor governamental, inclusive das empresas públicas. O critério básico de seleção nesse caso discriminará os projetos de acordo com seu impacto de curto prazo para o reequilíbrio das contas externas.

Ao lado desse esforço de ampliação de exportações, a compatibilização do crescimento com razoável equilíbrio externo exigirá a implantação de um programa de substituição de importações, desta vez concentrado principalmente na ampliação da produção nacional de substitutos do petróleo importado. O desenvolvimento de fontes alternativas de energia a partir da agricultura, a busca de outras fontes não tradicionais de energia e a intensificação da pesquisa e prospecção doméstica de insumos não renováveis são instrumentos complementares para redução das importações.

A viabilidade dessa política dependerá também da compatibilização do crescimento com o controle das pressões inflacionárias. A experiência da economia brasileira nas últimas décadas mostra que não há uma relação causal e estável entre inflação e crescimento.

Durante todo esse período, identifica-se uma extraordinária expansão da economia, simultaneamente com comportamentos diferenciados dos preços. No período entre 1961/65 e pós-1973, observa-se rápida aceleração das taxas de inflação, acompanhada de queda nas taxas de crescimento do produto, enquanto no intervalo de 1968 a 1973 ocorre a elevação da taxa de crescimento com redução nos índices de inflação.

Desse modo, a experiência brasileira sugere que a possibilidade de compatibilizar elevadas taxas de crescimento com inflação sob controle está muito ligada à condução da política econômica, de modo a manter condições estimulantes do lado da oferta.

A análise do comportamento da agricultura brasileira na última década revela que, estimulada por políticas adequadas de preços, crédito e insumos, ela tem demonstrado grande capacidade de resposta no curto prazo. Interessa ressaltar nesse contexto o tempo extremamente curto de maturação do investimento na agricultura, bem como o nível relativamente elevado de produto gerado por unidade de capital utilizado.

Pelo menos nas fases iniciais da execução dessa política, o setor industrial apresentará também características semelhantes quanto ao tempo de maturação dos investimentos e à capacidade de resposta, na medida em que parcela substancial de aumento da produção corresponda à melhor utilização da capacidade instalada. Não se deve ignorar, por outro lado, o significativo avanço na criação de capacidade interna de produção de máquinas e equipamentos nos últimos anos e cuja subutilização constitui preocupação.

Deve-se adicionar que o aumento da produção agrícola, e particularmente da produção de alimentos, contribuirá de modo significativo no combate à inflação.

Paralelamente, os demais instrumentos de política econômica serão utilizados de modo coerente, visando a uma redução do ritmo de crescimento dos preços. Como parte desse esforço, buscar-se-á implantar o sistema de controle consolidado do setor governamental, inclusive das empresas públicas, no sentido de regularizar seus fluxos de dispêndio e minimizar seus impactos sobre o mercado financeiro.

Existem, pois, razões para acreditar na compatibilização entre a estratégia de crescimento perseguida com a contenção do processo inflacionário e o controle do desequilíbrio externo.

Entretanto, essas características não seriam suficientes para justificar a política aqui sugerida.

O crescimento econômico almejado deverá satisfazer também às aspirações sociais, como é o caso da redução das disparidades pessoais e regionais de renda, bem como do atendimento das necessidades básicas daqueles segmentos da população que ainda não desfrutam de um padrão mínimo desejável de bem-estar.

Independentemente dos programas específicos de investimentos públicos para o atendimento das necessidades das populações carentes, já mencionados

anteriormente, é importante verificar as implicações distributivas da estratégia traçada. Isto é, será importante que a estratégia delineada caracterize um padrão de desenvolvimento que conduza a uma melhor distribuição dos benefícios do crescimento.

Nesse sentido, tudo indica que a ênfase atribuída ao crescimento da produção agrícola será fator importante na correção do perfil de distribuição pessoal da renda. De fato, além dos aspectos positivos da ampliação da oferta de alimentos, a expansão da produção agrícola conduz a uma intensa absorção de mão-de-obra, no meio rural, exatamente onde se localiza o maior contingente de famílias de baixa renda. Indubitavelmente, nenhuma outra atividade econômica se posiciona de modo tão favorável como instrumento de redução dos níveis de subemprego e desemprego.

Do lado da distribuição regional da renda, as atividades especialmente incentivadas também têm implicações favoráveis. Tanto os investimentos públicos nos setores sociais quanto as atividades voltadas para a produção de produtos primários — alimentos e substitutos para o petróleo — poderão ser importantes instrumentos de elevação dos níveis de emprego e renda nas regiões menos desenvolvidas, notadamente no Nordeste.

Finalmente, é preciso estimular a ampliação de investimentos em setores em que predominam as empresas privadas nacionais, inclusive as de pequeno e médio portes. Os investimentos públicos voltar-se-ão para atender às necessidades sociais e para a criação da infra-estrutura indispensável à ampliação da oferta interna e das exportações.

Certamente a materialização dessa política, bem como a caracterização de um padrão de desenvolvimento adequado às novas realidades impostas pela situação internacional e ao atendimento das necessidades dos grupos mais carentes da população, exigirão um amplo engajamento de toda a coletividade e, em especial, alto nível de eficácia na condução do setor público e da política econômica, de modo a extrair o máximo benefício dos recursos disponíveis. Nesse sentido, será indispensável orientar os gastos públicos — na forma de investimentos, subsídios e despesas correntes — em obediência estrita às linhas de prioridades definidas aqui.

A estratégia aqui exposta representa um caminho viável para a sociedade brasileira e que não passa pelas dificuldades da recessão. Trata-se de uma proposta de superação dos obstáculos atuais, mantendo-se o dinamismo da economia brasileira.

Capítulo IV

POLÍTICAS MACROECONÔMICAS

Seção 1

Política Antiinflacionária

A evolução da economia brasileira no pós-guerra nos ensina que não há uma relação causal e estável entre inflação e crescimento.

Durante todo o período que se estende do pós-guerra até o presente, a economia brasileira evidenciou um crescimento econômico médio elevado — da ordem de 7% ao ano —, ao lado de uma inflação persistente e bastante instável. Em dois subperíodos dessa fase histórica, o primeiro entre 1961 e 1965 e o segundo estendendo-se de 1974 até os dias de hoje, observou-se uma rápida e errática aceleração da taxa de inflação, ao lado de uma queda no ritmo de crescimento econômico, abaixo da média do período mais amplo. No subperíodo de 1968 a 1973, ocorreu um crescimento do produto interno a taxas elevadas, ao lado de uma queda persistente da taxa de inflação.

Parece possível, portanto, administrar a política econômica de forma a, simultaneamente, estabelecer condições propícias à expansão da produção e do nível de emprego, assim como reverter as expectativas inflacionárias. Este é o ensinamento básico que orientará a política antiinflacionária do Governo.

Por certo não se podem minimizar os riscos de tal estratégia. A experiência do pós-guerra também nos indica que instabilidade inflacionária é sempre um fenômeno multifacetado, que espelha um estado de desorganização do sistema econômico e é acompanhado de:

- estrangulamentos setoriais, a exemplo do que ocorreu com a descapitalização do setor exportador e das empresas de utilidade pública no passado;
- expansão desordenada dos meios de pagamentos;
- expansão do déficit efetivo do setor público;
- desorganização do sistema financeiro; e
- flutuações substanciais dos preços relativos, particularmente de taxas reais de juros, taxa de câmbio, salários, preços de matérias-primas e alimentos básicos, em função de inúmeros subsídios explícitos e/ou implícitos.

O Governo está perfeitamente consciente das ineficiências econômicas e sociais advindas da instabilidade

inflacionária, o que dá a dimensão dos benefícios a obter com o sucesso da estratégia a perseguir. Acredita na capacidade de trabalho dos assalariados e dos empresários para superar as crises e transformá-las em oportunidades de crescimento. Isto já ocorreu inúmeras vezes em nossa história. Na década de 30, no pós-guerra e no período pós-1964.

Esta estratégia precisa estar orientada por um diagnóstico seguro da situação da economia. O Governo tem consciência das limitações impostas pela crise internacional deflagrada em outubro de 1973, da inflação generalizada nos países do Mundo Ocidental, da elevação das taxas de desemprego, da desordem monetária, da escassez de energia e das tendências protecionistas que dominam parte dos países desenvolvidos.

Tais dificuldades, por outro lado, abrem novas oportunidades e desafios à imaginação criadora do empresário e do trabalhador brasileiros. O Governo tem convicção de que as precondições para o sucesso dessa opção estão presentes na realidade econômica do País.

Primeiro, porque existem amplas oportunidades de investimentos em importantes setores da economia brasileira, particularmente na agropecuária e nos setores sociais — sobretudo nas áreas de saneamento urbano e habitação popular. Investir nestas áreas significa expandir a produção — principalmente a de alimentos para o mercado interno — conseqüentemente exercendo pressões baixistas sobre o índice de custo de vida urbano.

Segundo, porque estes são os setores que têm capacidade de rapidamente elevar o emprego, o produto e a renda por unidade de capital investido sem pressionar fortemente as importações.

Terceiro, porque há importantes setores industriais — principalmente o de máquinas e equipamentos — também em condições de expandir a produção sem grandes exigências de investimento, obtendo, assim, importantes ganhos de produtividade — condição indispensável para impor pressões baixistas sobre o nível geral de preços.

Duas restrições básicas deverão ser superadas.

A primeira é dada pela crise energética e pelo endividamento externo. Superá-la exige grandes esforços de produção, de um lado, para desenvolver fontes alternativas de energia (hidrelétrica, álcool, carvão e, eventualmente, aproveitamento de madeira) e, de outro, para gerar um excedente exportável — compatível com a expansão da oferta de alimentos para o mercado interno — a fim de manter sob controle, estabilizar e finalmente reduzir a dívida externa.

A segunda restrição diz respeito ao uso adequado dos instrumentos de política econômica. Nesta área deve-se enfrentar dois desafios básicos: dar coerência aos reajustes dos preços relativos (taxa de câmbio, salários, taxa de juros e preços das matérias-primas e alimentos básicos),

de modo a estimular os setores estratégicos sem comprometer as prioridades sociais; e administrar os instrumentos monetários, creditícios e fiscais, de forma a:

- aumentar a eficiência dos gastos públicos e orientá-los de modo a criar a infra-estrutura necessária para a expansão dos setores prioritários;
- conduzir uma política de crédito que evite os desperdícios oriundos do crédito subsidiado e que imponha maior disciplina à execução do Orçamento da União;
- dar estabilidade à expansão da liquidez para satisfazer às necessidades do sistema econômico; e
- estabelecer regras que permitam eliminar os efeitos inibidores do excessivo custo financeiro sobre os investimentos produtivos.

Repercussões da Inflação

A inflação elevada desestimula os investimentos de longa maturação e o aumento de produtividade do sistema econômico. Prejudica o funcionamento dos mercados e incentiva a especulação, especialmente nos mercados financeiros e de capitais. Igualmente danosos são os efeitos sobre a administração das finanças do Tesouro Nacional.

A inflação provoca ainda efeitos adversos sobre a distribuição da renda. Em primeiro lugar, como a participação dos salários na renda tende a cair nos períodos de aceleração da inflação, em função de periodicidades desiguais nos reajustes de salários e preços, as classes assalariadas são sempre as maiores prejudicadas em qualquer processo inflacionário. Em segundo, por inibir a expansão do emprego a inflação impõe sacrifícios maiores ainda aos assalariados.

Esses e outros efeitos negativos da inflação, que já são do conhecimento de toda a Nação, conferem prioridade à política antiinflacionária.

O Governo não desconhece nem subestima as dificuldades decorrentes de políticas de estabilização dos preços. Tendo em vista estas constatações, o objetivo premente de crescimento econômico requer:

- reduzir a taxa de inflação a níveis equivalentes aos registrados no início da atual década; e
- minimizar os custos sociais associados à política de estabilização de preços e contribuir para a melhoria da distribuição da renda social, dando especial ênfase à expansão do nível de emprego.

Além dos instrumentos específicos da política antiinflacionária, as prioridades setoriais fixadas (agricultura e abastecimento, energia e área social) deverão, igualmente, contribuir para a desaceleração da inflação. Nesse sentido, vários instrumentos serão acionados pelo Governo no combate à inflação, uma vez que a finalidade última é a melhoria do bem-estar social,

em particular das camadas de baixa renda. Dentre esses instrumentos destacam-se:

A Política Monetária

Este é um instrumento essencial no combate ao processo inflacionário, tendo como tarefa principal suprir de liquidez adequada o sistema econômico.

É importante ter presente que taxas de inflação elevadas e expansão de meios de pagamentos ocorrem paralelamente num processo de causação circular. Dessa forma, controlar a taxa de inflação equivale a disciplinar a expansão dos meios de pagamentos.

Para que se possa, portanto, administrar com firmeza a condução dessa política, torna-se inadiável introduzir alguns aprimoramentos e eliminar algumas distorções, a saber:

- incluir no Orçamento da União os encargos referentes ao serviço da dívida pública interna e à cobertura dos dispêndios com subsídios;
- atuar sobre os níveis das taxas de juros; e
- disciplinar o déficit efetivo do Tesouro Nacional através da unificação de seu orçamento, de forma a abranger todas as fontes e usos de recursos de responsabilidade da União.

Nestas condições, os instrumentos convencionais de controle monetário — particularmente as operações de mercado aberto — serão utilizados com o objetivo de minimizar as oscilações do grau de liquidez do sistema econômico.

A Política Creditícia

Os instrumentos de política creditícia serão utilizados para induzir a redução das taxas de juros no segmento livre do mercado, para restringir gradativamente os subsídios que provoquem efeitos regressivos sobre a distribuição da renda e comprometam a boa condução da política monetária e, portanto, para aumentar a eficiência alocativa e operacional do crédito oficial e privado, propiciando desta forma aumento da produtividade na economia brasileira.

Em particular, dar-se-á ênfase a:

- facilitar o acesso da pequena, média e microempresas às linhas usuais de crédito, com a finalidade de diminuir o peso dos encargos financeiros nos custos de produção;
- estimular a atuação do Banco do Brasil nas áreas de desenvolvimento da produção rural, de apoio à pequena, média e microempresas, de desenvolvimento do comércio exterior e de manutenção de um adequado fluxo de recursos externos;

— incrementar o papel a ser desempenhado pela Caixa Econômica Federal, cuja função de banco social será ampliada através da dinamização de programas que atinjam grandes segmentos de população nas suas necessidades básicas;

— aperfeiçoar a sistemática do crédito rural, tendo em vista elevar o nível técnico e a maior capacitação da atividade agropecuária, o aumento da produção, da produtividade e a expansão da fronteira agrícola;

— utilizar as agências setoriais de crédito — particularmente BNDE e BNH — com o objetivo de conciliar a expansão de setores prioritários (habitação popular, saneamento e bens de consumo popular) com as necessidades de controlar o aumento do custo de vida do setor urbano; e

— utilizar os bancos regionais — BNB e BASA — com o objetivo de ajustar suas políticas creditícias às peculiaridades de suas áreas de atuação.

A Política Fiscal

Em consonância com os demais instrumentos de política antiinflacionária, os de natureza fiscal serão utilizados para:

— redefinir e simplificar a incidência do Imposto sobre Produtos Industrializados, com a finalidade, entre outras, de reduzir os preços relativos dos produtos manufaturados de amplo consumo popular;

— direcionar o dispêndio público no sentido de aumentar a eficiência do sistema de infra-estrutura de serviços públicos de forma consistente com as prioridades atribuídas à agropecuária, energia, setores sociais e exportação, diminuindo desta forma as pressões altistas sobre custos e preços; e

— administrar e eventualmente ajustar as tarifas aduaneiras e depósitos compulsórios sobre importações, de forma a diminuir pressões de custos no mercado doméstico, respeitadas as restrições do balanço de pagamentos.

A Política de Controle de Preços

Em uma economia com inflação crônica e forte componente indexado, a política de controle de preços deve ser um instrumento voltado fundamentalmente para evitar que tensões temporárias de custos se transformem em elevação permanente da taxa de inflação.

Como instrumento auxiliar no combate ao processo inflacionário, a política de controle de preços será condicionada pelos seguintes aspectos:

- compatibilidade com as prioridades setoriais, no que respeita tanto aos preços relativos quanto à rentabilidade;

- as formas particulares de competição nos diferentes mercados;
- atendimento às necessidades específicas de autogeração de recursos no âmbito das empresas; e
- relevância do produto para o consumidor final ou como insumo para outros setores.

As políticas de controle dos reajustes de salários, taxa de câmbio e taxas de juros serão conduzidas de modo compatível com os demais aspectos da política de controle de preços, respeitadas as prioridades sociais. A este respeito é importante salientar a política salarial. Pela maior frequência dos reajustes salariais buscar-se-á eliminar os efeitos nocivos da inflação sobre o salário real do trabalhador.

Os instrumentos acima enumerados nada mais são que coadjuvantes em um esforço a ser empreendido pela economia no sentido de sua reorganização, de forma a ampliar a produção de alimentos para o mercado doméstico, encontrar solução para as restrições impostas pela crise energética e efetivamente expandir sua produção de bens e serviços com a finalidade de integrar as camadas mais carentes da população brasileira no processo de desenvolvimento econômico e social.

Seção 2

Política Financeira do Governo

A evolução das atribuições econômicas do Governo exige que os problemas de finanças públicas sejam encarados sob uma perspectiva bem ampla.

Ao atuar como regulador da atividade econômica e agente de promoção do desenvolvimento, o Estado intensificou sua participação como investidor e produtor de bens e serviços com o objetivo de aumentar a renda interna, reduzir as disparidades regionais, gerar maiores oportunidades de emprego, promover as exportações e melhorar a distribuição da renda.

O tradicional objetivo de arrecadar recursos para atender às despesas orçamentárias do Governo tem sido satisfatoriamente atingido, como comprovam as sucessivas taxas de crescimento da receita. Entretanto, os repetidos superávits contábeis do Orçamento da União verificados nos respectivos exercícios financeiros não foram suficientes para contrabalançar os subsídios ao crédito, subsídios aos consumidores, incentivos fiscais, o giro da dívida pública interna e os déficits das empresas do Governo financiados com empréstimos externos.

Observou-se ainda descompasso entre o Orçamento da União, que cobre apenas as atividades da administração

direta do Governo Federal, e o total dos dispêndios e receitas do Governo. Assim, nem sempre se observou a necessária disciplina e entrosamento entre as operações explicitadas no Orçamento da União e no Orçamento Monetário.

Ao mesmo tempo, as empresas, fundações e demais órgãos da administração indireta executavam políticas financeiras próprias não necessariamente compatíveis com os dois orçamentos citados.

Necessário então se faz reorganizar e disciplinar as ações do Governo Federal — entidades diretas e indiretas — de modo a compatibilizar as ações ao nível de:

- Orçamento Monetário;
- Orçamento da União; e
- Orçamento das Empresas Estatais, inclusive os financiamentos externos.

A reorganização e melhor coordenação das atividades do Governo na área financeira propiciará visão mais abrangente e clara dos usos e fontes de fundos e suas inter-relações, criando bases favoráveis para a execução de uma política financeira adequada, com benefícios globais para a política antiinflacionária, desenvolvimento econômico e equidade social.

Orçamento Monetário

O Orçamento Monetário, que consiste em previsões anuais da evolução das contas consolidadas das Autoridades Monetárias, traduz, em última análise, a própria situação das finanças do Governo Federal. Se estas estiverem equilibradas não haverá, em consequência, desajuste monetário, e o crescimento da base monetária e dos meios de pagamentos será moderado. Um Orçamento Monetário que contemple, por outro lado, elevada expansão primária do estoque de moeda refletirá, por definição, desequilíbrio nas finanças governamentais em seu sentido mais amplo.

Desequilíbrios acentuados serão sinônimos de elevadas emissões primárias de moeda e altas taxas de inflação. Assim, a redução do processo inflacionário será obtida, dentre outras medidas, através da diminuição gradual do desequilíbrio no Orçamento Monetário.

Orçamento da União

O Orçamento da União será ajustado, ao longo do tempo, de modo a prever todos os encargos e fontes de recursos da União.

Na nova sistemática cabe destacar, especialmente, os seguintes pontos a serem observados:

- serão incluídos na despesa orçamentária todos os subsídios (inclusive ao crédito e ao abastecimento), bem como os encargos da dívida pública federal;

- serão reduzidas substancialmente as vinculações de receita, de modo a dotar o orçamento de maior flexibilidade;
- como regra geral, o saldo da dívida pública poderá crescer, em termos reais, para cobrir eventuais déficits no Orçamento da União ou para permitir acumulação de reservas internacionais pelo Banco Central; e
- serão eliminados os déficits das empresas públicas presentemente financiados com recursos provenientes do exterior.

Política Orçamentária

São orientações básicas nessa área:

- reduzir, na primeira fase, e posteriormente eliminar, o déficit do Tesouro Nacional explicitado pela inclusão dos encargos da dívida pública interna e subsídios, hoje alocados ao Orçamento Monetário;
- utilizar o orçamento como instrumento de planejamento, alocando anualmente recursos, de modo que o Orçamento da União reflita a política de desenvolvimento adotada;
- a administração federal deve dar o exemplo de austeridade nos seus gastos, na programação de seus dispêndios e na pontualidade de seus pagamentos. Conseqüentemente, os recursos destinados à realização de cada programa serão definidos *a priori*, por ocasião da elaboração do Orçamento da União, dos das empresas públicas e do Orçamento Monetário. Não se admitirá o início da execução de programas com base em recursos a definir;
- só iniciar programas novos após a aprovação preliminar, pelo Presidente da República, quanto à prioridade, oportunidade, conveniência, disponibilidade de recursos e previsão de desembolsos;
- iniciar a execução dos programas somente após aprovação de demonstrações minuciosas e realistas de custos prováveis e da inclusão dos recursos correspondentes no Orçamento da União ou da entidade interessada;
- prever a receita a partir de critérios realistas, especialmente quanto às receitas vinculadas;
- diminuir a vinculação de receitas públicas a setores da economia e a certos tipos de despesas, para facilitar a efetiva prática de prioridades eleitas;
- evitar o uso do crédito público ou do crédito externo para o financiamento de despesas de custeio;
- usar o gasto público como forma de redistribuir rendimentos, privilegiando os dispêndios — em custeio e, principalmente, investimento — notadamente nas regiões Norte e Nordeste; e
- limitar os subsídios de crédito e os incentivos fiscais aos setores e projetos prioritários, evitando-se excessos

que levem a distorções na alocação de recursos e na redistribuição da renda.

Política Tributária

O Setor Público terá sua ação primordialmente voltada para a infra-estrutura econômica e social, limitando sua participação nos demais setores ao indispensável e perseguindo a desburocratização administrativa e a descentralização de decisões. Como resultante de tais princípios, cabe atribuir ao setor privado crescente responsabilidade na condução do desenvolvimento.

Desta forma, a política tributária do Governo para o período de vigência do III PND continuará a ser implementada em função de dois objetivos:

- *fiscal* — assegurar o financiamento dos gastos públicos programados, em particular dos projetos prioritários; e
- *social* — melhorar a distribuição pessoal e regional da renda e da riqueza.

A política tributária será executada visando a:

- simplificação do sistema de tributação dos pequenos contribuintes;
- aumento da racionalidade e eficácia da administração tributária, com consolidação e simplificação das leis fiscais, visando a promover maior equidade social do sistema;
- ampliação do uso de tributos como estímulo à produção agrícola, melhor utilização da propriedade fundiária e produtividade no campo;
- amparo às classes de baixa renda, pela tributação favorecida dos bens de consumo considerados de primeira necessidade;
- aplicação às regiões menos desenvolvidas, em particular o Norte e o Nordeste, de política tributária estimulante ao desenvolvimento;
- disciplinamento e coordenação do uso de subsídios e isenções fiscais como elemento de promoção das atividades econômicas, em benefício da melhor utilização dos fatores de produção, particularmente da mão-de-obra;
- aperfeiçoamento do Imposto sobre a Renda, de modo a melhorar sua funcionalidade e torná-lo mais equitativo;
- realização de contínuos esforços para aumentar a eficiência da máquina de arrecadação dos impostos;
- utilização da política tributária como instrumento da expansão do comércio exterior;
- prosseguimento na política de acordos internacionais de eliminação de bitributação; e
- aprimoramento das fórmulas de opção e mecanismos de coleta de incentivos fiscais da pessoa jurídica, de modo a assegurar a promoção do maior crescimento relativo e o fortalecimento de empresas das regiões Nordeste e Amazônica.

No campo das relações com os contribuintes serão invariavelmente promovidas pela Administração Federal a desburocratização e o aperfeiçoamento das relações fisco-contribuinte, através de iniciativas como as seguintes:

- simplificação das formalidades administrativas e dinamização dos sistemas relacionados com a cobrança dos tributos;
- reformulação do regime de penalidades, visando a adequá-lo à realidade atual;
- reciclagem periódica do pessoal fazendário;
- desenvolvimento de atividades voltadas para o melhoramento e a sistematização dos métodos de arrecadação e fiscalização; e
- modernização dos procedimentos referentes ao julgamento de processos administrativos-fiscais.

Orçamento das Empresas do Governo

O Estado numa economia moderna, além de suas tradicionais funções normativas, tem importante papel a desempenhar no campo da produção, circulação e distribuição de bens e serviços. No Brasil esta ação se faz sentir em diversos setores da atividade econômica, em alguns casos com elevado destaque. É preciso, entretanto, ordenar e disciplinar a participação do Governo, em particular de suas empresas, na economia nacional.

Os principais objetivos a serem alcançados com o aprimoramento dessa ordenação podem ser resumidos em:

- compatibilizar os programas de investimentos das estatais com o Plano Nacional de Desenvolvimento;
- garantir o bom desempenho do setor público quanto à execução de seus programas de investimento, dando segurança ao setor privado no planejamento de suas atividades;
- concluir os projetos em andamento e conservar os investimentos em nível de inteira compatibilidade com o controle da inflação e do balanço de pagamentos;
- reorientar a política financeira das empresas do Governo para a intensificação do uso de recursos próprios, reduzindo a dependência em relação aos recursos de terceiros e transferências do Tesouro;
- estabelecer critérios para fixação de tarifas, objetivando assegurar, de um lado, condições necessárias à solidez financeira das empresas e, de outro, adequação às prioridades de combate à inflação e demais objetivos da política econômica;
- manter e aperfeiçoar os atuais mecanismos de orientação das empresas governamentais, assim como o controle das suas importações, visando a reduzir o

impacto sobre a balança comercial e a estimular o setor privado nacional; e

- estabelecer critérios objetivos capazes de aferir a eficiência econômica das administrações, bem como avaliar o fiel cumprimento dos programas fixados pelos respectivos Ministérios.

O controle dos dispêndios das empresas estatais deverá ser estabelecido a partir:

- dos critérios e épocas para os reajustes dos preços dos bens e serviços por elas produzidos;
- dos recursos do Orçamento da União destinados a cada entidade;
- do montante de empréstimos internos e externos que cada entidade será autorizada a contratar, durante o exercício financeiro; e
- dos recursos a serem reciclados para outros programas do Governo, quando for o caso.

No tocante aos empréstimos externos das empresas públicas, manter-se-á a disciplina da demanda, buscando:

- evitar pressões no mercado que possam vir a pressionar as taxas de juros, prazos e demais condições;
- evitar que o afluxo de recursos externos crie pressões indesejáveis sobre a liquidez interna; e
- evitar que os recursos externos sejam destinados a cobertura de déficits operacionais.

A adequada conjugação de esforços entre as entidades da administração direta e indireta será fundamental para a realização dos objetivos governamentais em toda sua plenitude: os econômicos, os políticos e os sociais.

Seção 3

Política de Comércio Exterior

O setor externo sempre teve um papel importante na evolução da economia brasileira. Alterações nas relações econômicas internacionais traduzem-se inicialmente em desequilíbrios na organização econômica interna. No momento seguinte, contudo, a reorientação adequada da política econômica interna tem conseguido transformar o desafio internacional em fator de dinamização do crescimento brasileiro.

A perturbação atual, advinda da brusca alteração do preço relativo do petróleo, inflação e aumento do desemprego ao nível internacional, impõe severas restrições à evolução da economia brasileira. Oferece também a oportunidade para mais uma vez o País transformar esses desafios em estímulos à expansão da produção doméstica.

A análise da evolução recente do balanço de pagamentos do Brasil mostra um aumento brusco do déficit em transações correntes, de 1,7 bilhão de dólares em 1973 para 7,1 bilhões em 1974, devido, sobretudo, ao aumento do déficit comercial. Posteriormente, observa-se uma lenta queda do déficit em transações correntes, porque a melhoria da balança comercial foi, em grande parte, compensada pelo aumento do déficit de serviços.

Este aumento do déficit em conta corrente no Brasil e o subsequente aumento da dívida externa a partir de 1974 retratam também as profundas modificações na distribuição internacional dos saldos das transações correntes. No quinquênio 1974/78, o superávit dos países da OPEP totalizou 185 bilhões de dólares, com apenas pequena parcela desse montante aplicada em investimentos diretos, o que acarretou substancial aumento do endividamento externo do resto do mundo, particularmente dos países em desenvolvimento importadores de petróleo, a exemplo do Brasil.

Entretanto, se é certo que a situação brasileira externa reflete uma configuração que se tornou generalizada, não é menos verdade que está a merecer cuidados especiais. Os indicadores básicos da situação do endividamento impõem uma atitude de cautela, e não se pode deixar que a restrição externa venha a comprometer o esforço de desenvolvimento do País.

É evidente que a compatibilização da redução dos déficits em contas correntes com a decisão de fazer crescer a economia a taxas mais elevadas se dará através de um esforço interno para aumentar as exportações, já que, dada a composição de nossa pauta de importações, qualquer compressão adicional nesta área refletir-se-á no comprometimento do crescimento econômico.

Entretanto, para a superação da restrição externa, não se dispensará o concurso da disciplina da política de importações e do ordenamento do endividamento externo.

A viabilização do aumento das exportações fundamenta-se:

- na já provada capacidade de expandir as exportações de manufaturados nos últimos cinco anos, a despeito da crise internacional;
- na inequívoca vantagem comparativa do País na produção agrícola em face da abundância relativa do solo; e
- na ampliação do mercado internacional para produtos agrícolas brasileiros, em face de pressões inflacionárias de nossos parceiros comerciais e de elevado custo unitário da produção agrícola nesses países em função da alta intensidade relativa no uso de derivados do petróleo na produção destes produtos.

Na área da promoção das exportações, o objetivo será obter uma taxa média de crescimento das exportações

significativamente superior à das importações e à dos juros pagos ao exterior. Para tanto, serão linhas básicas de ação:

- apoiar a exportação de setores industriais competitivos por sua importância no desenvolvimento do País e por seus efeitos na geração de uma oferta mais estável de divisas;
- criar condições favoráveis para incentivar o empresário nacional a voltar-se para o mercado externo nas áreas industriais, de comércio e de serviços;
- ampliar e abrir novos mercados. Tem sido significativo o aumento do comércio com a África, América Latina, Oriente Médio, Extremo Oriente e COMECON, tendência esta que deverá ser mantida ou mesmo acelerada, inclusive pela posição do Brasil de grande comprador junto aos maiores fornecedores de petróleo;
- dar apoio às exportações de serviços pelo aperfeiçoamento de diretrizes setoriais para aumento das exportações de fretes, seguros, e particularmente para os serviços de consultoria e engenharia, tendo em vista ainda seus efeitos futuros sobre o aumento das exportações de manufaturados; e
- melhorar as condições de comercialização dos produtos brasileiros no exterior, principalmente através de reorganização da oferta, dinamização do seguro setorial e prestação de garantias para concorrências internacionais.

No que tange à política de importações, destacam-se as seguintes medidas:

- substituição de importações de petróleo por fontes renováveis de energia, o que estimulará não só os investimentos no setor agrícola, como também nos setores industriais produtores de equipamentos; e
- consolidação dos projetos em andamento de substituição de importações de insumos básicos, notadamente onde já foi realizada parcela substancial dos investimentos.

No que diz respeito à política de endividamento externo, respeitar-se-ão os seguintes princípios:

- subordinação da entrada de recursos externos, especialmente os empréstimos em moeda, às exigências da administração da dívida externa e às prioridades da política econômica; e
- rígido controle sobre as operações de crédito das instituições e empresas do Governo.

Os Instrumentos da Política de Comércio Exterior

Visando aos objetivos e prioridades acima delineados, serão utilizados os instrumentos da política de comércio exterior da forma como se segue.

Política Cambial

A instrumentação da política cambial deverá estar estreitamente vinculada às políticas monetária, tributária e de comércio exterior, de modo a contribuir para a solução dos problemas do balanço de pagamentos do País.

Dar-se-á continuidade à prática de minidesvalorizações, visando a assegurar a justa remuneração ao exportador, bem como a permanente atualização do custo das importações.

Política de Incentivos Fiscais e Financeiros à Exportação

Ter-se-á em vista ajustar o sistema de incentivos fiscais às exportações, adaptando-o ao novo código internacional de subsídios.

O sistema financeiro servirá de efetivo apoio ao esforço de exportação, tanto no que se refere à produção como à exportação propriamente dita, e além disso será fortalecido o sistema de seguro de crédito e dinamizada a atuação da rede externa dos bancos nacionais no exterior, como mecanismo adicional de apoio aos exportadores.

Política Aduaneira e de Contenção das Importações

A manutenção da atual política de contenção através de gravames fiscais e financeiros é necessária em um primeiro estágio a fim de que se cumpra o objetivo de crescimento das importações a taxas significativamente inferiores às de expansão das exportações, com isso mantendo-se o controle almejado sobre o processo de endividamento externo. Em um segundo estágio, porém, alguns gravames poderão ser gradualmente desativados, uma vez que o desempenho das exportações acabará por permitir maior liberalização das importações.

Outros Instrumentos

No tocante aos aspectos institucionais, dar-se-á estímulo à formação de estruturas empresariais dimensionadas de acordo com a concorrência internacional, de forma a permitir a agilização do comércio exterior, reduzindo gradualmente a dependência de concessões e supervisão do Estado.

Os investimentos na infra-estrutura de apoio às exportações deverão ser considerados como prioritários.

Cabe finalmente mencionar a reorganização do Conselho Nacional de Comércio Exterior (CONCEX), visando a oferecer apoio mais amplo e eficiente ao setor, notadamente nos aspectos normativos e técnicos da política de exportações, bem como a envidar esforços para desburocratização do comércio exterior.

Capítulo V

POLÍTICAS SETORIAIS, REGIONAL E URBANA

Seção 1

Políticas Setoriais

Antes de tudo, este Plano tem presente que a definição de setores prioritários é imposição das exigências do processo de desenvolvimento e dos objetivos antes mencionados.

Sem definir e hierarquizar prioridades alternativas de uso de recursos é impossível administrar corretamente e praticar a política de desenvolvimento que o interesse social recomenda para o período.

Por outra parte, a própria definição das prioridades setoriais não pode ser entendida senão como parte de um conjunto mais amplo, que envolve as estabelecidas a nível geral, regional e urbano.

No período deste III PND, os setores prioritários são o de agricultura e abastecimento, o energético e o social. Obviamente, há uma programação de atividades para os demais setores (indústria, infra-estrutura e outros), cuja implantação é decisiva para a realização do III PND. Resumem-se a seguir as políticas dos diversos setores.

i — Setor de Agricultura e Abastecimento

Além de sua defasagem em comparação com o intenso processo de crescimento e modernização recente da economia brasileira, a prioridade decorre do papel fundamental que a mobilização de suas vastas potencialidades lhe permite. Esse potencial torna possível conciliar abundante abastecimento interno, contribuição ao programa energético (fontes renováveis), substancial elevação das exportações, substituição de importações e ampla geração de empregos. Esta potencialidade é fundamental para melhorar a qualidade de vida nas cidades e no próprio meio agrícola, especialmente das famílias mais pobres.

São as seguintes as principais definições da política de desenvolvimento para o setor:

— conceder ênfase aos alimentos básicos e produtos de exportação, com preferência para as pequenas e médias unidades;

— descentralizar ao máximo a execução da política de desenvolvimento do setor, de modo a ampliar a participação e as responsabilidades dos setores privados e dos governos estaduais e municipais;

- aumentar a disponibilidade de produtos agropecuários básicos para torná-los acessíveis, a menores preços, às famílias de menor renda;
- ampliar e intensificar as pesquisas de solos, espécies e sementes e estimular o consumo de fertilizantes e outros insumos modernos, visando à adoção de tecnologias apropriadas;
- criar sistema integrado de produção, armazenagem, transporte e comercialização, de forma a tornar mínimos os desperdícios e perdas e assegurar o escoamento regular para o abastecimento interno e exportações, inclusive mediante corredores de exportação e abastecimento e amplo apoio ao desenvolvimento das agroindústrias; e
- estabilizar as margens de comercialização, evitando-se excessos que prejudiquem ou comprometam o abastecimento a preços adequados para o consumidor e o produtor.

Para tornar possíveis os objetivos acima, dever-se-á possibilitar e disciplinar o armazenamento no circuito produção-intermediação-consumo interno-exportação e, da mesma forma, incentivar:

- a padronização e classificação, para permitir ampliação das negociações em bolsa;
- a formação de estoques reguladores;
- a integração dos transportes, desde a abertura de novas fronteiras agrícolas até o aparelhamento dos portos;
- o sistema cooperativo;
- o desenvolvimento do mercado futuro, com o aperfeiçoamento de sistemas de informações agropecuárias que alcancem os produtores; e
- os serviços de abastecimento às populações da periferia dos grandes e médios centros urbanos, a exemplo das cadeias voluntárias.

Recomenda-se, ainda:

- utilizar efetivamente todos os pertinentes instrumentos de política econômica que sejam úteis aos objetivos setoriais: política fundiária, preços mínimos, crédito e seguro rural, pesquisa, assistência técnica e extensão rural, defesa animal e vegetal e pesquisa florestal;
- desenvolver, com relação ao trabalhador rural, integradamente, todas as ações possíveis para melhorar e regularizar a renda familiar e os serviços de saúde, educação, assistência e previdência social e habitação, garantindo-lhe maior segurança e bem-estar;
- ampliar as atividades de defesa sanitária, visando ao aumento da produtividade e à qualidade de vida no meio rural, conciliando o mais possível o combate às pragas e doenças com o controle dos efeitos perniciosos de alguns defensivos agrícolas à saúde humana;
- aumentar a produção e a produtividade da atividade pesqueira, conjugando os incentivos e a melhoria da infra-estrutura de terra com o treinamento de mão-de-obra,

reforço e melhoria do equipamento de captura, pesquisas e modernização do sistema de distribuição da produção;

- enfatizar, nas atividades florestais, os programas de agrossilvicultura que mais contribuam para a oferta de alimentos e para a geração de energia, cuidando em especial da proteção dos recursos naturais e paisagísticos de interesse cultural, científico e ecológico;
- acionar a política fundiária no sentido de premiar o uso intensivo das terras e onerar as propriedades exploradas de modo inadequado ou inexploradas. Para isto, a política fiscal deverá ser utilizada. Será também acelerado o processo de discriminação e regularização fundiárias, principalmente nas áreas de migrações voluntárias; e
- orientar a ação do Governo quanto à pecuária e à avicultura, para os interesses de seu desenvolvimento a médio e longo prazos, sobretudo para ajustar o desfrute dos rebanhos ao objetivo de aumentá-los e melhorar sua qualidade e produção.

ii — Setor Energético

A prioridade decorre de sua óbvia essencialidade para o equacionamento do desenvolvimento brasileiro e para o próprio funcionamento do sistema econômico nacional, este inclusive sujeito à vulnerabilidade tanto maior quanto mais dependente do suprimento externo de energia. Atualmente, mais de 40% da energia consumida no Brasil provém de fontes externas, respondendo o petróleo importado pela quase totalidade.

A escalada de seus preços — a que se associa crescente incerteza quanto ao próprio suprimento, tendo em vista o panorama internacional — prejudica a balança comercial brasileira não apenas pelo aumento da conta petróleo: pressiona também a inflação internacional e induz retração dos mercados mundiais, assim encarecendo as importações e dificultando as exportações nacionais.

Paralelamente, é fácil perceber as imensas possibilidades de o País desenvolver alternativas de suprimento energético, com as soluções mais variadas, muitas vezes regionalizadas, bastando à economia privada que o Governo apresente o quadro de decisões para o longo prazo.

Ainda que a descoberta de novos campos petrolíferos no território nacional seja uma alternativa promissora, sua incerteza impõe à política energética do País a adoção de um elenco de instrumentos e de ações complementares. Uma política realista deve levar em consideração a inexorável exaustão das fontes de energia não renováveis, de que resultam elevações contínuas dos preços internacionais e dificuldades crescentes para se conseguir regularidade de suprimento.

Conseqüentemente, as principais definições de política energética para o período 1980/85 são as seguintes:

- desestimular via preços o uso de fontes de energia primária importada (petróleo e carvão mineral);
- estabelecer um quadro indicativo de preços relativos das principais fontes de energia sob controle governamental (petróleo e derivados, carvão mineral, álcool e energia elétrica), com um horizonte de médio prazo, tendo em vista o objetivo de induzir a economia brasileira a acomodar-se num novo modelo energético, sem dependências externas;
- conceder prioridade e apoio integral à substituição do uso de derivados do petróleo. Os respectivos programas devem concentrar-se nas soluções já testadas e comprovadamente viáveis, a exemplo do carvão como substituto da nafta para gás e do óleo combustível na indústria cimenteira, ou do álcool em relação à gasolina; os projetos devem contemplar os setores e localidades que lhes proporcionem a máxima economicidade, evitando-se pontos de estrangulamento ou excessos não comercializáveis de produtos energéticos;
- alocar, através da PETROBRÁS, a maior proporção possível de recursos aos projetos de pesquisa e exploração de petróleo, bem como expandir as áreas abertas aos contratos de serviço com cláusula de risco;
- acelerar o programa nacional do álcool, mediante desenvolvimento de pesquisas no campo de sua produção, transporte, conservação e uso, para incorporar o respectivo progresso tecnológico, além do indispensável estímulo e apoio aos respectivos programas agroindustriais;
- privilegiar o equacionamento e a execução de projetos voltados para o aumento da capacidade de geração hidrelétrica;
- promover a economia e a racionalização do uso de fontes energéticas, particularmente de derivados do petróleo;
- estimular o uso dos transportes coletivos, em substituição ao individual, orientados os respectivos investimentos e esforços de pesquisa tecnológica e sua incorporação para a economia de combustíveis, inclusive por ajustes e progressiva substituição dos modelos de elevado consumo, ainda em uso;
- incorporar a geração nuclear, adotando processos de reação que maximizem a capacidade de produção energética do urânio; e
- intensificar a pesquisa quanto ao aproveitamento do xisto e de fontes não convencionais, a exemplo da energia solar, eólica, maremotriz, hidrogênio e combustíveis extraídos da madeira e outros vegetais, sempre considerando-se as políticas de proteção e de preservação dos recursos naturais do País.

iii — Setores Sociais

A prioridade para seu desenvolvimento é decorrência da realidade social existente e do objetivo-síntese de desenvolver e democratizar a sociedade brasileira.

As ações que beneficiem diretamente a expansão e a melhoria da educação e cultura, saúde e saneamento, previdência social, habitação popular e desenvolvimento comunitário se conjugam com o objetivo básico de progressiva redefinição do perfil da distribuição da renda em benefício da população mais pobre.

É importante que o esforço no período do III PND vá além da simples canalização de mais recursos para esses setores. É urgente e fundamental melhorar a relação benefício/custo nas diversas áreas, a fim de atender ao objetivo de tornar acessíveis à população melhores serviços sociais.

A eficaz atuação governamental nessas áreas exige bons instrumentos e regras de política salarial, rigorosos critérios de seleção de investimentos e de tecnologias e opções coerentes quanto ao desenvolvimento agrícola e urbano. Requer, enfim, que se atue integradamente sobre todos os aspectos envolvidos no esforço nacional de desenvolvimento.

Educação e Cultura

Em termos amplos, a política para o setor está assim esquematizada:

- será vista e administrada como atividade comprometida com a cultura brasileira, instrumento de democratização de oportunidades e de melhoria da distribuição da renda, com sua ênfase voltada para os objetivos de universalização do ensino básico e qualificação de recursos humanos para o desenvolvimento nos diversos níveis e áreas;
- a programação das atividades e projetos e o uso dos recursos disponíveis estarão orientados para a articulação dos diversos graus de ensino, com destaque para o ensino de 1.º grau, o profissionalizante, a alfabetização e o ajustamento e dimensionamento das universidades ao mercado de trabalho e sua evolução, sem perda de suas demais responsabilidades na formação humanística e política da juventude brasileira; e
- o apoio às atividades e projetos culturais e artísticos — inclusive artesanais — deverá ser intensificado, particularmente no que se refere ao teatro, cinema, literatura, música nacional e artes plásticas.

Saúde e Previdência Social

A orientação básica é a de ampliar e melhorar os serviços de saúde pública, intensificando o combate às endemias e fortalecendo as atividades relacionadas com a medicina preventiva. Paralelamente, far-se-á vasto esforço para

reduzir os custos, agilizar e expandir as atividades previdenciárias e de assistência social, inclusive as do setor privado.

Mantidas as funções do Ministério da Saúde em termos de definição e coordenação da política nacional do respectivo setor, será realizada a descentralização das respectivas atividades, transferindo-se, no possível, as atribuições de planejamento e prestação dos serviços aos Estados e Municípios, na medida em que possam ser aparelhados para assumi-las.

Na área previdenciária, desenvolver-se-á intenso esforço de desburocratização e racionalização do sistema de arrecadação, objetivando tornar possíveis a universalização da proteção social e a melhoria dos planos de benefícios.

Trabalho

A prioridade à área do trabalho na estratégia de desenvolvimento social fundamenta-se nas seguintes razões:

- as ações no campo do emprego, treinamento, proteção ao trabalhador e outras são essenciais para melhorar sua qualidade de vida e elevar o nível da renda e da riqueza nacionais; e
- a política de emprego e renda não deve ser paternalista nem assistencialista, mas sim valorizar o homem e estimular o desenvolvimento individual, a mobilidade e a participação social.

Em grandes linhas, são os seguintes os desdobramentos da política de desenvolvimento em relação ao trabalho:

- a política de emprego parte do princípio de que os problemas ocupacionais do País relacionam-se profundamente com o crescimento e a composição do produto interno, com as tecnologias adotadas para a produção de bens e serviços nos diferentes setores econômicos e com as historicamente altas taxas de expansão demográfica; e
- as ações nessa área voltar-se-ão para a expansão do nível de emprego e a redução do desemprego e subemprego, de forma coerente com os objetivos e prioridades da estratégia nacional de desenvolvimento.

Resulta óbvio, portanto, que as responsabilidades e ações relacionadas com os objetivos ocupacionais não envolvem apenas o Ministério do Trabalho, mas todas as esferas do Governo e os setores privados.

A remuneração do trabalho assalariado deverá observar as seguintes diretrizes:

- promover reajustamentos salariais de tal forma que, de um lado, reflitam os ganhos de produtividade da força de trabalho e, de outro, não prejudiquem a absorção de mão-de-obra; e
- admitir que essa política não substitui as forças dos mercados de trabalho, mas é importante para assegurar

ganhos reais aos estratos de salários mais baixos e de menor poder de barganha.

As seguintes medidas serão introduzidas:

- aumento da frequência de reajustes salariais, visando a reduzir a perda de renda real dos assalariados provocada pela inflação e a disciplinar as práticas de adiantamentos salariais, facilitando as relações entre trabalhadores e empregadores;
- negociações coletivas diretas, entre empregadores e empregados, referentes à parcela do aumento da produtividade e sua distribuição entre os integrantes de cada categoria profissional, reduzindo-se, portanto, a intervenção administrativa do Poder Executivo e aumentando-se o espaço normativo para a Justiça do Trabalho;
- fixação do salário mínimo e rateio dos ganhos de produtividade entre os servidores públicos da administração pública direta e indireta não sindicalizados;
- melhoria da distribuição dos salários, mediante generalização, para o servidor estatutário e os empregados regidos pela CLT do setor privado, do sistema de reajustes regressivos que atualmente apenas alcança os servidores das entidades federais não subordinados à administração do pessoal civil da União, verificando-se, sistematicamente, a conveniência de manutenção ou alteração das taxas de aumentos diferenciados, associados aos níveis de remuneração;
- manutenção da política em vigor para o salário mínimo, que, ao lado da preocupação com a melhoria do seu poder aquisitivo, visa a anular gradualmente as diferenças entre os maiores e menores níveis salariais mínimos do País; e
- atualização e aprimoramento da legislação dos sindicatos e sobre greves.

Será estimulada e apoiada a criação de organizações de trabalhadores para a produção artesanal mais eficiente e rentável.

Serão também estimuladas medidas que se julgue poderem assegurar melhores condições financeiras ao servidor por ocasião da inatividade.

A política de proteção ao trabalhador objetiva assegurar-lhe maior estabilidade no emprego, condições de trabalho seguras, proteção e assistência social à sua família em caso de riscos e acidentes e regulamentação profissional para garantir os benefícios da legislação trabalhista e previdenciária às várias categorias.

A política de participação social incluirá aperfeiçoamento das formas tradicionais de organização e participação dos trabalhadores (sindicatos, cooperativas) e a promoção de outras formas legítimas de associativismo, aprimoramento do sistema de relações entre empregados

e empregadores, dos processos de negociação e das formas de participação dos trabalhadores nas atividades das empresas.

Saneamento Básico e Ambiental

A prioridade nesse campo será a de dotar as cidades brasileiras de serviços regulares de abastecimento de água, de obras de prevenção de enchentes e de projetos destinados a instalar, completar ou expandir serviços de esgoto, com ênfase nas áreas urbanas mais densamente habitadas.

Como regra básica, os projetos de saneamento, especialmente no que se refere ao esgotamento sanitário, devem voltar-se para as soluções mais simples e viáveis, adaptadas às condições e situação de cada área do País.

Essa orientação é indispensável para antecipar a disponibilidade dos serviços, sobretudo nos casos em que os problemas já se mostram graves, como na periferia das metrópoles.

Terão preferência para execução também projetos para prevenir ou combater problemas atuais ou iminentes relacionados com a poluição das águas e do ar, sobretudo no interesse da população dos maiores núcleos industriais e urbanos e para erradicar doenças endêmicas.

Habitação Popular

A orientação fundamental da política neste setor será a de reduzir ao máximo o déficit atual e potencial de habitações, especialmente para as faixas de renda familiar mensal igual ou inferior a cinco salários mínimos.

É preciso, em termos do atendimento prioritário à população mais pobre, ajustar os diversos tipos de padrão de moradia e os respectivos esquemas de financiamento às verdadeiras possibilidades dos mutuários.

De fato, a prioridade para o atendimento às famílias urbanas de menor renda e para moradias populares no meio rural torna imperioso reduzir o custo real da construção e dos financiamentos imobiliários, inclusive mediante subsídios governamentais.

Segurança Pública

Em decorrência dos reflexos negativos para a qualidade de vida do rápido crescimento urbano, destacadamente nas maiores áreas metropolitanas, torna-se premente a melhoria qualitativa e quantitativa dos serviços de segurança nessas metrópoles, inclusive para facilitar a aceleração das atividades a cargo do Poder Judiciário.

As orientações fundamentais para a ação governamental serão:

- adoção de rigorosos critérios de seleção, recrutamento, treinamento e reciclagem de recursos humanos;

- apoio federal a programas de melhoria e ampliação de instalações policiais e equipamentos dos Estados;
- expansão e melhoria do sistema penitenciário; e
- estímulo a todas as medidas que beneficiem a dinamização das ações judiciais.

Desenvolvimento Comunitário

As ações comunitárias consideradas preferenciais são: atenção à saúde e assistência social materno-infantil, atendimento ao menor, ao idoso, ao excepcional e aos carentes em geral.

A atuação do Governo Federal neste campo será desenvolvida através de instituições como a Legião Brasileira de Assistência, o Programa Nacional de Centros Sociais Urbanos, o Movimento Brasileiro de Alfabetização, a Caixa Econômica Federal, a Fundação SESP e as próprias universidades.

iv — Indústria

A expansão do setor industrial é fundamental para tornar possíveis os objetivos gerais e os próprios objetivos dos setores prioritários, quais sejam, o de agricultura e abastecimento, o de energia e os sociais.

Da mesma forma, cabe registrar que essa orientação se deve à situação e perspectivas do desenvolvimento brasileiro e ao novo quadro internacional. Vale também observar que a indústria é o mais amadurecido e moderno dos principais setores da economia nacional. Nos últimos anos, respondeu por mais de um terço da renda interna e comandou o crescimento da economia brasileira.

Assim, o III PND não só reconhece a inviabilidade de sua própria estratégia de desenvolvimento sem o adequado desempenho e reformulação do setor industrial, mas também não ignora que sua importância determina ênfases dentro do próprio setor, que muitas vezes superam outras prioridades.

Os principais traços da política industrial para o período do III PND serão os seguintes:

- elevar seus índices de produtividade e estimular seu crescimento e transformação, de forma compatível com as exigências do mercado interno e internacional;
- introduzir medidas capazes de tornar o setor menos vulnerável e dependente de práticas protecionistas, estimulando a melhoria dos processos produtivos, da produtividade da mão-de-obra e da gestão empresarial, de forma a ampliar os ganhos de escala e reduzir os custos;
- conceder preferência ao desenvolvimento das pequenas, médias e microempresas nacionais, especialmente às agroindustriais, às produtoras de bens de consumo essenciais e populares e às que incorporem os resultados dos esforços nacionais de pesquisa científica e tecnológica;

- procurar, com relação às indústrias de base, assegurar-lhes, em todo o período, um mínimo de demanda que propicie sua operação em nível satisfatório, inclusive mediante apoio e estímulo à exportação de seus produtos;
- promover e apoiar a reorientação espacial dos novos investimentos, de modo compatível com os interesses mais amplos da política nacional de desenvolvimento: a descentralização industrial não é entendida neste Plano como transferência de atividades das áreas mais industrializadas para outras, mas como privilegiamento relativo dos atrativos locais de novas áreas e pólos;
- dar preferência à execução dos projetos viáveis já decididos ou em execução, tendo permanente prioridade no período os que substituam importações ou ampliem exportações, os que apresentem alto coeficiente de absorção de mão-de-obra, os que permitam elevar os padrões de consumo e bem-estar das populações de menor renda e os que beneficiem a política antiinflacionária;
- conceder prioridade às iniciativas e projetos industriais que contribuam significativamente para a política energética, particularmente para a substituição e a economia de derivados do petróleo; e
- coordenar a administração dos instrumentos de ação governamental — os financeiros, os fiscais, as facilidades de infra-estrutura e outros — em função dos objetivos e das prioridades da política nacional de desenvolvimento, inclusive para limitar a atuação do setor público, como produtor e investidor, somente às atividades e projetos industriais estratégicos que o setor privado não possa ou não queira realizar e aos que atendam a interesses da segurança nacional.

Nesse campo, cabe destacar que será permanente o apoio e estímulo governamentais ao fortalecimento do mercado de valores mobiliários, visando à democratização do capital das empresas e ao seu crescimento e modernização a menores custos.

v — Setores de Infra-Estrutura

Transportes

A política adotada objetiva a máxima integração do sistema nacional de transportes, a diversificação e ampliação das fontes energéticas e a poupança e racionalização do uso de combustíveis, especialmente o de derivados do petróleo, onde o setor responde por cerca de 60% do consumo nacional.

São as seguintes as principais linhas de ação:

- prioridade para os meios de menor consumo relativo de energia propulsora, com soluções de transporte que

privilegiem, sempre que técnica e economicamente viável, as modalidades menos onerosas em termos de consumo energético; e

- racionalização dos transportes e de seu uso, visando à economia de combustíveis.

A programação de investimentos dará preferência:

- aos programas e projetos de manutenção, restauração e reaparelhamento da infra-estrutura existente, principalmente da rede viária e das instalações terminais, com ênfase na rede ferroviária (conservação, renovação de material rolante e de tração), geral e de subúrbio, e ao sistema portuário e seus equipamentos;
- aos investimentos indispensáveis à ampliação da capacidade de vias ou terminais saturados ou próximos de saturação, com destaque para os já decididos ou em execução;
- aos projetos do Programa de Corredores de Exportação e Abastecimento, compreendendo a integração das diversas modalidades de transportes, a implantação de estradas vicinais pelos Municípios e Estados para alimentação dos grandes eixos rodoviários, hidroviários e ferroviários, realizando-se, também nesses eixos, obras indispensáveis à rápida convergência das cargas em portos realmente aptos a transferi-las com eficiência e menores custos às embarcações de longo curso; e
- aos projetos que beneficiem substancialmente os transportes urbanos, especialmente nas áreas metropolitanas e cidades de porte médio, merecendo registro especial a prioridade aos que mais beneficiem as populações de menor renda, favoreçam o uso adequado do solo e contribuam expressivamente para a redução do consumo de derivados do petróleo.

Comunicações

As principais orientações, no setor, serão as seguintes:

• Telecomunicações

- dar prioridade ao atendimento de demandas específicas de caráter social: usuários residenciais de baixo tráfego, áreas urbanas periféricas e comunidades rurais, preferencialmente através de unidades de uso público;
- praticar política tarifária compatível com a necessidade de expansão do setor, com o aumento de sua eficiência operacional e com os objetivos e orientações da política antiinflacionária adotada; e
- conceder preferência à implantação de infra-estrutura de comunicações nos conjuntos habitacionais financiados pelo Sistema Financeiro da Habitação.

• Serviços Postais e de Telegrafias

A orientação básica é atender ao crescimento da demanda, conforme padrões de qualidade aceitáveis. Para tal, dar-se-á preferência:

- à expansão da base física das redes postal e telegráfica, para propiciar a extensão da distribuição regular a maior número de cidades e às áreas rurais;
- ao treinamento e reciclagem dos recursos humanos, visando a menores custos e à maior eficiência da prestação de serviços; e
- à implantação da triagem automática nos pontos de maior concentração de tráfego e à melhoria nos centros de triagem manual.

• Radiodifusão

A diretriz fundamental é estimular a formação e consolidação de redes nacionais privadas para apoiar a integração nacional, inclusive no tocante à interiorização da televisão, observada a diretriz de preservação e valorização das tradições e manifestações culturais das regiões do País.

vi — Outros Setores

Mineração e Pesquisa Mineral

As principais orientações para o setor estão assim esquematizadas:

- expandir e diversificar a produção, intensificando a pesquisa geológica e tecnológica e a exploração, objetivando o aumento da integração horizontal e vertical das atividades;
- mobilizar ao máximo as potencialidades, inclusive nas regiões Norte e Centro-Oeste, onde a eliminação dos estrangulamentos oriundos das deficiências de infra-estrutura econômica e social é imperativa para a viabilidade da exploração;
- melhorar a posição brasileira no que respeita ao abastecimento interno de produtos minerais, particularmente dos que são fontes energéticas (a exemplo do urânio e carvão) e dos que mostrem boas perspectivas de exportação ou que substituam importações de minerais estratégicos de que o País ainda é carente, como o cobre e o níquel;
- conciliar o desenvolvimento das atividades com os interesses de proteção ao meio ambiente;
- apoiar e estimular as pesquisas e estudos dos recursos do mar e do subsolo e o desenvolvimento científico e tecnológico adaptado à dotação de recursos minerais do País;
- promover e apoiar a participação da empresa privada nacional nas atividades do setor;

- aumentar a produtividade das atividades existentes, com vistas a melhores preços internos e à maior competitividade internacional;
- dar preferência aos projetos de investimentos já decididos ou em execução, ajustando-se suas metas e prazos às efetivas disponibilidades de recursos;
- apoiar o pequeno e médio produtor, com o objetivo de lhe proporcionar remuneração adequada e abrir perspectivas de crescimento e modernização da respectiva atividade (merece destaque a ênfase à melhor organização da produção e dos mercados dos produtos de alta densidade de valor, a exemplo do ouro, pedras preciosas e semipreciosas das várias regiões); e
- adequar a legislação do setor à moderna realidade brasileira e suas perspectivas.

Comércio

A ação setorial de Governo estará voltada para as micro, pequenas e médias empresas comerciais, a grande maioria de capital nacional, incluindo medidas que permitam aumento de eficiência do setor, crescente capacitação gerencial, agilização dos sistemas de distribuição e dos processos burocráticos e participação representativa do comércio nas exportações.

Para tanto, serão acionados instrumentos de política fiscal e financeira, de assistência técnica e gerencial, estimulando-se e aperfeiçoando-se a atuação coordenada dos órgãos públicos — federais, estaduais e municipais — e privados que interferem no setor.

Com ênfase nas empresas de menor porte e naquelas localizadas em áreas e regiões menos desenvolvidas, serão implementados programas visando a estimular formas associativas de comércio, centrais de compra, treinamento de pessoal, proteção do consumidor e prevenção de abusos do poder econômico, além de atividades que se destinem à promoção do comércio em geral.

Turismo

A orientação essencial é compatibilizar a expansão do turismo com os problemas oriundos da situação do balanço de pagamentos e da crise energética, procurando obter vantagens econômicas para o País e benefícios para a qualidade de vida dos brasileiros.

Assim, o esforço do Governo será orientado para mobilizar as potencialidades do turismo nacional, com vistas à maior geração líquida de divisas e de empregos possível, contribuindo, ainda, para atenuação das disparidades regionais de desenvolvimento.

Essas orientações exigem atuação integrada dos setores público e privado, destacando-se programas visando

ao aperfeiçoamento do sistema institucional turístico, sob coordenação da EMBRATUR; dinamização dos fluxos turísticos interno e externo, com especial atenção para as áreas do Nordeste e da Amazônia; aprimoramento da infra-estrutura hoteleira básica, com ênfase na melhoria do padrão de atendimento; continuidade das medidas de apoio financeiro; e controle e fiscalização dos preços de hospedagem e dos serviços de hotéis e similares.

Seção 2

Políticas Regional e Urbana

Prevalecem no Brasil fortes desequilíbrios regionais e intra-regionais de renda, de atividades econômicas e de qualidade de vida. Por outro lado, o vertiginoso processo de urbanização que acompanhou o desenvolvimento industrial das últimas décadas redefiniu e tornou complexo o quadro urbano nacional.

Na atualidade, cerca de 60% dos brasileiros residem em cidades. Vivem nas nove regiões metropolitanas oficialmente reconhecidas quase 30% da população. Essas áreas continuam submetidas a uma forte pressão demográfica, que afeta negativamente a qualidade de vida que oferecem.

Este Plano supõe que são de amplo interesse para a política de desenvolvimento urbano e regional a questão migratória, a desconcentração industrial, a reformulação e intensificação do desenvolvimento agrícola, a política energética, a política dos setores sociais e a descentralização administrativa para fortalecer os órgãos regionais e urbanos e os governos estaduais e municipais. Supõe, enfim, que a política espacial relaciona-se com todos os demais aspectos do projeto nacional de desenvolvimento.

No âmbito do processo urbano-rural brasileiro, cabe reconhecer como fundamentais:

- o desenvolvimento da agropecuária, para atenuar o processo de hipertrofia urbana e, particularmente, metropolitana — com redução do chamado êxodo rural;
- o melhor equilíbrio da disponibilidade de infra-estrutura econômica e social entre as regiões; e
- a melhor adequação funcional das cidades de pequeno e médio portes e da periferia das metrópoles.

Também nesse campo do desenvolvimento é preciso conjugar esforços de todas as esferas de Governo e dos setores privados. No particular, o Governo Federal estará empenhado em coordenar o uso e fortalecer os instrumentos de ação regional e urbana. Compreendem eles: privilégios fiscais para investimentos privados no Nordeste e na Amazônia; instrumentos financeiros, como o Fundo Nacional de Desenvolvimento Urbano (FNDU), os recursos do PIN e PROTERRA, etc.; *mecanismos*

institucionais, como, por exemplo, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Urbano e as superintendências e outros órgãos regionais e urbanos de desenvolvimento, cuja função de planejar e de executar deverá ser fortalecida.

A política de desenvolvimento urbano e regional do III PND será assim esquematizada:

- ênfase à integração nacional e melhor equilíbrio espacial do processo brasileiro de desenvolvimento; e
- redução das disparidades econômicas e de qualidade de vida entre as regiões do País e dentro delas.

Quanto ao *Nordeste*, a orientação básica será desenvolver ações capazes de estimular seu crescimento a ritmo mais intenso que a média nacional, simultaneamente com maior elevação relativa da renda e nível de bem-estar das famílias mais pobres e redução da pobreza no meio urbano e rural.

Estimular-se-á, especialmente, o desenvolvimento agropecuário, agroindustrial e industrial, bem como a pesquisa comprometida com a realidade regional.

Da mesma forma, far-se-á intenso esforço para o desenvolvimento da infra-estrutura e dos setores sociais, com destaque para as atividades previdenciárias e de assistência social, energia, comunicações, transportes e facilidades para implantação ou consolidação de novas áreas industriais.

Serão ampliados e fortalecidos os programas especiais de desenvolvimento regional já existentes (POLONORDESTE, Projeto Sertanejo e Programas de Irrigação e de Agroindústria). Será fortalecida a SUDENE, bem como ampliadas as transferências financeiras da União e intensificada a atuação federal na área.

Com relação ao setor urbano, além da prioridade para o fortalecimento das cidades de pequeno e médio portes, é essencial o desenvolvimento de amplo esforço para disciplinar o crescimento de suas áreas metropolitanas — especialmente as de Salvador, Fortaleza e Recife — e das cidades de maior porte, inclusive para prevenir problemas e prejuízos à qualidade de vida, que já se evidenciam em outras áreas do País.

Na *região Amazônica*, o esforço de desenvolvimento se concentrará na gradativa ocupação e integração da área, respeitadas suas características e vocações, particularmente quanto à compatibilização dos projetos e atividades públicos e privados, com a exploração não predatória de seus recursos naturais e com o respeito rigoroso de seu equilíbrio ecológico e da população autóctone.

Os órgãos federais que atuam na área serão fortalecidos, particularmente a SUDAM, e ampliado o apoio direto e indireto da União no desenvolvimento da região.

A progressiva ocupação da região e a consolidação da infra-estrutura econômica e social das áreas que apresentam grande potencial econômico — especialmente para geração de energia e atividades agrominerais, agropecuárias, agroindustriais e pesqueiras — deverão considerar a necessidade de diversificar, ampliar e fortalecer a economia regional e absorver fluxos migratórios. A seleção de novas áreas deve levar em conta, também, ser indispensável não concentrar nem dispersar excessivamente as ações e realizações na região, sempre presente a preocupação com sua ocupação racional e espacialmente equilibrada.

Com relação ao setor urbano, o grande crescimento de algumas cidades — como Manaus, por exemplo — e seu papel fundamental na ocupação da área tornam prioritários o disciplinamento de sua expansão e o fortalecimento da respectiva infra-estrutura.

No *Centro-Oeste*, o esforço de desenvolvimento privilegiará as ações voltadas para a máxima mobilização possível de seu vasto potencial agropecuário e agroindustrial, inclusive nas áreas dos cerrados. Buscar-se-á conjugar a atuação das diferentes esferas de Governo para o apoio direto à diversificação e expansão das atividades produtivas e para a ampliação e consolidação da infra-estrutura econômica e social, particularmente dos transportes, energia, comunicações e sistema de armazenagem e silos.

Continuará prioritário o apoio à implantação e consolidação do Estado de Mato Grosso do Sul.

Dever-se-á, ao mesmo tempo, disciplinar o desenvolvimento da Região Geoeconômica de Brasília, visando ao fortalecimento de sua já densamente habitada periferia, tanto pela qualidade de vida das respectivas populações como para proteger e preservar as características da Capital Federal.

Analogamente, dever-se-á enfatizar a adoção de medidas para disciplinar o desenvolvimento e a expansão das principais cidades.

No *Sul* e *Sudeste*, a ênfase será dada às medidas que possam promover o melhor equilíbrio geoeconômico e geopolítico. Apesar de sua melhor posição relativa no País, não se subestimar a presença nela do desenvolvimento e suas manifestações, mesmo nas suas áreas que concentram atividades produtivas — como as metropolitanas, que abrigam 20% de sua população.

Nesse sentido, far-se-á esforço particularmente acentuado com o objetivo de disciplinar o rápido crescimento das principais cidades, principalmente mediante políticas de descentralização industrial e de agropecuária e abastecimento — esta última essencial para reduzir o intenso fluxo migratório rural-urbano — e pelo apoio ao desenvolvimento das cidades de pequeno e médio portes.

Simultaneamente, serão intensificadas as ações preventivas e corretivas no campo do planejamento urbano e sua

efetiva execução, particularmente nas áreas mais densamente habitadas ou sujeitas a intenso crescimento populacional, como as metropolitanas do Rio de Janeiro, São Paulo, Belo Horizonte, Curitiba e Porto Alegre. A orientação básica, respeitadas as prioridades e diretrizes deste III PND, será a de conciliar o progresso econômico com o objetivo de elevar a qualidade de vida dos habitantes e com o respeito ao patrimônio natural, arquitetônico e cultural nelas existente.

Para os *territórios federais*, serão formulados programas específicos de desenvolvimento. Eles considerarão as peculiaridades, problemas e potencialidades dessas áreas, devendo ser plenamente compatíveis com o III PND.

Capítulo VI

OUTRAS POLÍTICAS GOVERNAMENTAIS

Seção 1

Temas Especiais

A seleção dos temas especiais incluídos neste III PND foi também ditada pelos interesses do projeto brasileiro de construção de uma sociedade desenvolvida e democrática.

As orientações do Plano relativamente a temas especiais abrangem todos os setores, aplicam-se à política de desenvolvimento urbano e regional e devem estar presentes em todas as decisões pertinentes à execução da política geral de desenvolvimento.

i — Ciência e Tecnologia

É dispensável destacar a relevância da pesquisa científica e tecnológica e sua aplicação para o desenvolvimento nacional.

O objetivo final é diminuir a dependência científica e tecnológica do País. No período do III PND, procurar-se-á compatibilizar as ações — tanto em termos de transferência como de criação de conhecimentos e tecnologias — com os objetivos e prioridades nacionais nos diversos campos do desenvolvimento, a exemplo dos setores energético, agrícola, industrial, de educação, trabalho, habitação e transportes.

As linhas gerais de ação serão as seguintes:

- desenvolver e ampliar a capacidade de absorção e geração de tecnologia das empresas nacionais, dotando-as de meios para negociar adequadamente com os fornecedores externos de tecnologia, para dominar os princípios da tecnologia que utilizam e, assim, assegurar seu manejo de forma completa;
- apoiar as pesquisas que visem ao desenvolvimento de fontes alternativas de energia;
- apoiar as instituições de pesquisa já existentes, de forma a aproveitar e reforçar a sua capacitação, no sentido do maior desenvolvimento tecnológico da empresa nacional;
- estimular a demanda de tecnologias nacionais adequadas às necessidades sócio-econômicas e culturais do País, inclusive pela orientação dos investimentos governamentais e utilizando o poder de compra das empresas estatais;
- fortalecer e ampliar o domínio do conhecimento científico, especialmente através da eliminação de carências e estrangulamentos nos programas de pós-graduação e pesquisas das universidades; e
- tornar acessível, no que for cabível, esse conhecimento a outros níveis, através do ensino em nível de graduação e dos cursos de formação técnica especializada.

ii — Meio Ambiente e Recursos Naturais

A ênfase na preservação do patrimônio histórico, artístico e cultural e dos recursos naturais do Brasil, bem como na prevenção, controle e combate da poluição em todas as suas formas, estará presente em todos os desdobramentos da política nacional de desenvolvimento e na sua execução.

A expansão brasileira no campo da própria integração nacional, o crescimento econômico industrial e geral, a urbanização acelerada e a concentração populacional, a produção e uso de novas fontes de energia (a exemplo da nuclear), a massificação do uso de veículos e outros aspectos e reflexos do desenvolvimento brasileiro tornaram prioritárias medidas e ações em benefício da proteção dos ecossistemas e do meio ambiente, como sejam:

- compatibilizar a expansão do País com a defesa e melhoria ambientais e equacionar os problemas já existentes;
- enfatizar a atuação preventiva, mas valorizar também as ações corretivas em regiões já críticas, como diversas áreas da Grande São Paulo e do Grande Rio, onde a industrialização e a expansão dos serviços, a concentração populacional, o freqüente uso inadequado do solo e as deficiências de infra-estrutura econômica e social tendem a comprometer crescentemente o nível de bem-estar social;

- promover a exploração racional e não predatória de novas áreas — como, por exemplo, da Amazônia;
- identificar, acompanhar e fiscalizar as atividades e processos produtivos particularmente poluidores da água e do ar, tanto para sua adequada localização como visando à adoção de processos de controle e redução de seus prejuízos para o meio ambiente;
- aprimorar as regras contidas na pertinente legislação brasileira;
- criar ou fortalecer os órgãos e mecanismos especificamente incumbidos de zelar por sua efetiva observância; e
- valorizar e difundir ensinamentos relativos à preservação e proteção do meio ambiente e dos recursos naturais, especialmente no sistema educacional básico.

Ao Governo Federal caberão, basicamente, atribuições normativas e de definição de políticas específicas. Aos Estados — e eventualmente aos Municípios — competirá seu detalhamento e execução e as atividades de fiscalização.

iii — Descentralização Administrativa e Desburocratização

A ênfase nesse tema relaciona-se com a necessidade de modernizar e dar maior velocidade e eficiência ao processo de tomada de decisões em todos os campos, em benefício do desenvolvimento e do bem-estar social da população, sem prejuízo do cumprimento de regras e padrões sadios de gestão e controle das atividades governamentais.

Deve-se, ainda, proceder à decisão de simplificar e de descentralizar o processo de tomada de decisões e fortalecer os Estados, Municípios e os próprios órgãos executores da esfera federal na sua função de tornar realidade os programas, projetos e atividades de interesse da população, combatendo-se os excessos da burocracia. O objetivo será melhorar o desempenho da máquina administrativa, especialmente pela simplificação, adoção de técnicas e métodos modernos, treinamento e reciclagem de recursos humanos, valorização da confiança, da delegação de competência e do combate ao formalismo dispensável.

Para simplificar o relacionamento do cidadão comum com as esferas do Governo, e destas com o setor empresarial, atuar-se-á também sobre os focos de crescimento da burocracia.

Analogamente, serão adotadas rotinas administrativas simples e operacionais, procurando-se eliminar exigências legais e regulamentares dispensáveis.

O fortalecimento da capacidade de execução, pela descentralização que se revele conveniente, fundamenta-se na evidência de que à população o que interessa é dispor de bons serviços e dos benefícios dos projetos, não lhe importando a esfera ou órgão do Governo que as realiza ou mantém.

iv — Recreação, Lazer e Desportos

O vigoroso processo de urbanização do País, a insuficiência de espaços livres e de equipamentos, a comercialização dos respectivos serviços, as dificuldades de acesso às áreas de lazer e as formas de "cultura de massa" são fatores preponderantes na formulação da política de recreação, lazer e desportos voltada para o aumento do bem-estar das populações, sobretudo dos estratos mais carentes.

No que tange à recreação e lazer, a ação de Governo contemplará: a expansão de áreas e equipamentos, especialmente as próximas de concentrações urbanas; a adaptação de áreas urbanizadas à prática do lazer; normas para a reserva de áreas e instalação de equipamentos nos programas habitacionais; a organização e motivação das comunidades para recuperação, desenvolvimento e intensificação de formas tradicionais de lazer e do uso de equipamentos; e apoio a programas de lazer associados a programas sociais, como o de Centros Sociais Urbanos, os da LBA e outros.

Relativamente ao desporto, destacam-se quatro áreas: o desporto vinculado ao lazer e à recreação, importante para os grupos de baixa renda; o desporto como componente da política educacional; o esporte competição; e o desporto como instrumento da política de saúde.

As ações a desenvolver serão coerentemente diferenciadas e concentradas no aumento das áreas disponíveis e na intensificação do uso de instalações e equipamentos, na articulação com outros programas congêneres, no desenvolvimento da legislação, do ensino e das modalidades de competição, bem como no intercâmbio com outros centros, na proteção adequada aos atletas profissionais e em ações que contribuam para maior autonomia financeira dos clubes.

Seção 2

Forças Armadas

As Forças Armadas — Marinha, Exército e Aeronáutica — historicamente desempenharam papel expressivo no esforço nacional de desenvolvimento, além de cumprir suas tarefas específicas.

As respectivas políticas setoriais, coordenadas pelo Estado-Maior das Forças Armadas, buscarão atender às suas finalidades essenciais — defesa da Pátria e garantia dos poderes constituídos, da lei e da ordem — e às ações complementares, estas no campo do desenvolvimento nacional, principalmente através da atuação nas esferas de educação, transportes, cartografia, meteorologia, prospecção geofísica, oceanografia, tráfego aéreo,

colonização, pesquisa e desenvolvimento e ação cívico-social.

Destacam-se, entre suas contribuições ao desenvolvimento nacional:

- orientar o ensino dos estabelecimentos militares, de modo a permitir, sempre que possível, o seu aproveitamento por pessoal não militar nos níveis superior, médio e primário;
- prosseguir e ampliar os trabalhos relativos aos transportes marítimos, terrestres e aéreos e as atividades de construção de estradas em áreas em desbravamento
- os grandes espaços vazios do território nacional — de forma a exercer, também, ação catalítica para a interiorização do progresso, intensificando igualmente os esforços de desenvolvimento da infra-estrutura aeronáutica e da Aviação Civil;
- continuar os trabalhos de levantamento e mapeamento do território nacional, de prospecção geofísica, oceanografia, meteorologia e cartografia náutica;
- contribuir para a viabilização e apoio ao desenvolvimento inicial de regiões vitais nas fronteiras norte e oeste, através de postos e de colônias militares;
- acompanhar e estimular a adoção de tecnologias avançadas que atendam ao interesse nacional e promover a adequação de tecnologia civil aos fins militares, com desenvolvimento de projetos, materiais e processos, componentes e conjuntos de aplicação nas Forças Armadas;
- incentivar a produção e a criatividade nacionais nos campos da ciência e da tecnologia militar, colaborando com os setores civis e o Governo nessa área;
- fomentar e apoiar a indústria civil no atendimento de sua demanda de tecnologia, inclusive no que se refere à obtenção de adequados níveis de qualidade;

— adquirir à indústria nacional o material necessário ao reaparelhamento das Forças Armadas, assim estimulando seu desenvolvimento, e fortalecer, particularmente, a recém-implantada indústria bélica, como fundamento da própria segurança nacional e redução da dependência externa;

— prosseguir e intensificar as atividades cívico-sociais, principalmente as destinadas a prestar assistência educacional e médico-sanitária a populações carentes; e

— apoiar as campanhas de civismo das universidades, escolas de nível médio, governos estaduais ou municipais e outras entidades.

Também merecerão destaque especial, tendo em vista o seu vasto potencial já confirmado, as atividades no mar territorial brasileiro. É prioritário promover, apoiar e estimular estudos e pesquisas dos recursos do mar, visando à identificação e viabilização de projetos que mais contribuam para o esforço nacional de desenvolvimento.

LEGISLAÇÃO ELEITORAL E PARTIDÁRIA

(obra elaborada pela Subsecretaria de Edições Técnicas)

- **Lei Orgânica dos Partidos Políticos (e suas alterações);**
- **Código Eleitoral (e suas alterações);**
- **Sublegendas;**
- **Inelegibilidades (Leis Complementares nºs 5/70 e 18/74);**
- **Colégio Eleitoral (Presidente da República e Governadores);**
- **Resoluções do Tribunal Superior Eleitoral;**
- **Resolução do Tribunal de Contas da União
(prestação de contas dos partidos políticos);**
- **Lei do transporte gratuito em dias de eleição
(Lei nº 6.091, de 15-8-1974).**

Edição: Setembro de 1974

340 páginas

Preço: Cr\$ 20,00

SUPLEMENTO 1976

(com adendo de maio de 1978)

Preço: Cr\$ 20,00

- À VENDA NO SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS (Anexo I)

**Os pedidos de publicação deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL — BRASÍLIA — DF — 70180
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL,
ou pelo sistema de Reembolso Postal.**

SOCIEDADES ANÔNIMAS E MERCADO DE VALORES MOBILIÁRIOS

Quadros comparativos anotados

Comparação, dispositivo por dispositivo, da Lei nº 6.404, de 15-12-76, ao Decreto-lei nº 2 627, de 26-9-40 — Sociedades por ações.

Confronto entre a Lei nº 6.385, de 7-12-76, que "dispõe sobre o mercado de valores mobiliários e cria a Comissão de Valores Mobiliários" e a legislação anterior que disciplinava o mercado de capitais — Lei nº 4 728, de 14-7-65.

Notas explicativas: histórico das alterações e legislação correlata.

Edição: julho de 1977



PREÇO:
Cr\$ 80,00

À VENDA NO SENADO FEDERAL, SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS (Anexo I)

Os pedidos de publicação deverão ser dirigidos à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL — BRASÍLIA — DF — 70160
acompanhados de cheque nominal, visado, pagável em Brasília e emitido a favor do
CENTRO GRÁFICO DO SENADO FEDERAL,
ou pelo sistema de Reembolso Postal.

REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA

Está circulando o nº 61 da REVISTA DE INFORMAÇÃO LEGISLATIVA, periódico trimestral de pesquisa jurídica e documentação legislativa editado pela SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL.

Este número contém as teses e conclusões do 1º Congresso Latino-Americano sobre Meios de Comunicação e Prevenção do Delito, realizado na Colômbia, extensa pesquisa sobre a problemática do menor (*Luiz Otávio de Oliveira Amaral*), o histórico da Emenda Constitucional nº 12/78 e trabalhos doutrinários sobre: a regulamentação do art. 106 da Constituição (*Paulo Emílio Ribeiro de Vilhena*), a arguição de relevância da questão federal (*Iduna W. Abreu*), desenvolvimento do direito autoral (*Antônio Chaves*), o orçamento-programa e suas implicações (*Janes França Martins*), a recente evolução jurisprudencial na interpretação da Lei nº 4.121 (*Arnoldo Wald*), legislação previdenciária (*Sully Alves de Souza*), tributação urbana (*Fides Angélica Ommati*), Lei das S.A. (*Otto Gil e José Reinaldo de Lima Lopes*), o princípio da probidade no Código de Processo Civil (*Alcides de Mendonça Lima*) e o "certiorari" americano e a advocatória no STF (*Igor Tenório*).

A revista, contendo 330 páginas, pode ser obtida ao preço de Cr\$ 30,00, pelo sistema de reembolso postal, dirigido o pedido à SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL — Brasília, DF — CEP: 70.160.

O PODER LEGISLATIVO E A CRIAÇÃO DOS CURSOS JURÍDICOS

Obra comemorativa do Sesquicentenário da Lei de 11 de agosto de 1827, que criou os Cursos Jurídicos de São Paulo e Olinda.

Precedentes históricos, debates da Assembléia Constituinte de 1823, Decreto de 1825 com os Estatutos do Visconde da Cachoeira, completa tramitação legislativa da Lei de 11-8-1827, com a íntegra dos debates da Assembléia Geral Legislativa (1826-1827), sanção imperial e inauguração dos Cursos de São Paulo e Olinda.

Índices onomástico e temático

410 páginas

PREÇO: Cr\$ 70,00

Pedidos pelo reembolso postal à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL
(Anexo I) — Brasília — DF — 70160

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL

*** QUADRO COMPARATIVO ***

Foi lançada a 3ª edição revista e atualizada da Constituição da República Federativa do Brasil — Quadro Comparativo, obra da **SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS DO SENADO FEDERAL**.

A publicação apresenta a comparação, dispositivo por dispositivo, do texto constitucional vigente à Constituição do Brasil de 1967 e à Carta de 46, com 123 notas explicativas e índices sistemático e analítico-remissivo.

A obra, com 348 páginas, pode ser obtida pelo reembolso postal ao preço de Cr\$ 100,00 (cem cruzeiros), devendo o pedido ser dirigido à **SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL — Brasília, DF — CEP: 70.160.**

CÓDIGO TRIBUTÁRIO NACIONAL

ATUALIZADO

- Quadro Comparativo das Constituições (Sistema Tributário)
- Lei nº 5.172, de 25-10-66, que "dispõe sobre o Código Tributário Nacional e institui normas gerais de Direito Tributário aplicáveis à União, Estados e Municípios" (*Texto atualizado*)
- Legislação alteradora do Código Tributário Nacional.

Edição 1978

Preço:
Cr\$ 50,00

À VENDA NA SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS
DO SENADO FEDERAL (Anexo I)

Pedidos pelo reembolso postal à
SUBSECRETARIA DE EDIÇÕES TÉCNICAS — SENADO FEDERAL
BRÁSÍLIA — DF — CEP: 70.160

Centro Gráfico do Senado Federal
Caixa Postal 1.203
Brasília — DF

EDIÇÃO DE HOJE: 40 PÁGINAS

PREÇO DESTE EXEMPLAR: Cr\$ 1,00

Seção 3

Relações Exteriores

No campo das relações internacionais, a ação do Governo intensificará esforços no sentido de consolidar e aprofundar a participação independente do País na comunidade mundial.

No plano político, o diálogo e as ações serão conduzidos para afirmar as aspirações pacíficas do povo brasileiro, o seu desejo de manter relacionamentos mutuamente proveitosos com todas as nações, em particular com as vizinhas, a sua luta em prol de uma ordem internacional mais justa e democrática, no âmbito da qual os países em desenvolvimento possam realizar seus ideais de progresso econômico e social, e o seu respeito aos direitos fundamentais do homem.

No plano econômico, o Itamaraty concentrará suas realizações com vistas a consolidar e alargar as fronteiras comerciais do País, incrementando o relacionamento com parceiros tradicionais e buscando novos mercados para os produtos brasileiros, a combater o protecionismo comercial, especialmente contra as exportações brasileiras de manufaturados, e a ampliar o escopo da cooperação técnico-científica, visando a diminuir as dificuldades de acesso integral do País às tecnologias de ponta. Na presente conjuntura internacional, dar-se-á ênfase às ações destinadas a facilitar a solução dos problemas energético e de balanço de pagamentos.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — Com referência à mensagem que vem de ser lida pelo Sr. Primeiro-Secretário, cabe à Presidência esclarecer ao Plenário que, nem o Regimento Comum, nem os Regimentos Internos da Câmara e do Senado determinam normas aplicáveis à sua tramitação.

A matéria é regulada, em linhas gerais, no Ato Complementar nº 43, de 1969, alterado pelo de nº 76 do mesmo ano e pela Lei Complementar nº 9, de 1970.

À vista dessa circunstância, a Presidência, não havendo objeção do Plenário, no uso das atribuições que lhe confere o art. 52, item 35, do Regimento Interno do Senado, resolve estabelecer as seguintes normas para a tramitação do III Plano Nacional de Desenvolvimento:

1º) Lida a mensagem, e já procedida a necessária distribuição de avulsos, será designada, para estudo e parecer,

Comissão Mista integrada por 11 Senadores e 11 Deputados, indicados pelas respectivas Lideranças, obedecido o princípio da proporcionalidade partidária, nos termos do disposto nos artigos 9º e 10 do Regimento Comum;

2º) Perante a Comissão, no prazo de 15 dias, contados da data de sua instalação, poderão ser oferecidas ressalvas ou restrições ao Plano, desde que mantidas sua coerência global e sua viabilidade em face dos recursos disponíveis (Ato Complementar nº 43, de 1969, art. 2º, *caput*);

3º) À comissão, é deferido o prazo, improrrogável, de 40 dias, contados da data da designação de seus membros, para emitir parecer sobre o Plano e as ressalvas, se houver, devendo concluir pela apresentação de projeto de resolução consubstanciando sua decisão;

4º) Publicado e distribuído em avulsos o parecer da Comissão Mista, a Presidência convocará Sessão Conjunta destinada à deliberação da matéria (Regimento Comum, art. 33).

5º) Esgotado o prazo deferido à Comissão, sem apresentação do parecer, este deverá ser proferido oralmente, em plenário, por ocasião da inclusão da matéria em Ordem do Dia. (Regimento Comum, art. 20);

6º) Às demais fases da tramitação da matéria aplicar-se-ão as disposições gerais determinadas no Regimento Comum.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — De acordo com as normas ora estabelecidas, a Presidência irá designar os membros da Comissão Mista incumbida do estudo da matéria:

Pela Aliança Renovadora Nacional — Senadores Aloysio Chaves, Bernardino Viana, Murilo Badaró, Luiz Cavalcante, Alberto Silva, Affonso Camargo, Passos Porto e os Srs. Deputados Paulo Lustosa, Adolpho Franco, Caio Pompeu, Dario Tavares, Ricardo Fiuza e Victor Fontana.

Pelo Movimento Democrático Brasileiro — Senadores Roberto Saturnino, Marcos Freire, Henrique Santillo, Franco Montoro e os Srs. Deputados Marcondes Gadelha, Hélio Duque, Fernando Cunha, Aldo Fagundes e Felipe Penna.

O SR. PRESIDENTE (Gabriel Hermes) — Nada mais havendo a tratar, declaro encerrada a sessão.

(Levanta-se a sessão às 19 horas e 25 minutos.)